A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • OUTUBRO DE 1994

A LIAHONA

OUTUBRO DE 1994

Na capa:
Quando o Salvador ressuscitado visitou o povo nefita, Ele "tomou das criancinhas, uma a uma, abençoou-as e rogou por elas ao Pai". (3 Néfi 17:21.) As Autoridades Gerais demonstraram preocupação com as crianças de hoje em uma transmissão especial via satélite a toda a Igreja, em janeiro de 1994. Ver "Olhai para Vossas Criancinhas", página 35. (Fotografia de Richard M. Romney.)

Capa da *Seção Infantil*:
Ilustração de Dick Brown

ÍNDICE

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: ELE NOS CONVIDA A SEGUI-LO PRESIDENTE HOWARD W. HUNTER 2

PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY ÉLDER M. RUSSELL BALLARD 8

PRESIDENTE THOMAS S. MONSON ÉLDER JEFFERY R. HOLLAND 16

AO ENSINAR ADOLESCENTES DEBRA LACY 24

FURACÃO! NORIKO ONO 30

"OLHAI PARA VOSSAS CRIANCINHAS" PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY, PRESIDENTE THOMAS S. MONSON, ÉLDER M. RUSSELL BALLARD, SISTER MICHAELENE P. GRASSLI 35

ENTRELAÇADOS ANNELIES PRENT-PELLIS 46

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

AFINAL DE CONTAS, ERA VERDADE MAYRA MERCEDES PÉREZ ROMÁN 26

DA ESCURIDÃO PARA A LUZ: O DOM DO ARREPENDIMENTO ÉLDER HELVÉCIO MARTINS 32

OBRIGADO, PAPAI JULIAN DYKE 44

ENTRE NA LINHA CARL PETERSON 48

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS 1

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: CUIDAR DE NOSSO CRESCIMENTO ESPIRITUAL: UM EXERCÍCIO PARA TODA A VIDA 25

SEÇÃO INFANTIL

OS SUSSURROS DO ESPÍRITO ÉLDER RICHARD G. SCOTT 2

FICÇÃO: O CONVÊNIO DE CARLA STEVEN IVERSON 4

TEMPO DE COMPARTILHAR: SOU UM PACIFICADOR JUDY EDWARDS 8

AMIGOS EM NOTÍCIA 10

SÓ PARA DIVERTIR 12

HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON: O CAPITÃO MORÔNI DERROTA ZERAHEMNAH 13

OUTUBRO de 1994, Vol. 18, nº 10
A LIAHONA, 94990 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Howard W. Hunter, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quórum dos Doze: Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland

Editor: Rex D. Pinegar, Joe J. Christensen

Consultores: William R. Bradford, Spencer J. Condie, John H. Groberg

Administradores do Departamento de Currículo:
Diretor Gerente: Ronald L. Knighton
Diretor de Planejamento e Editorial: Brian K. Kelly
Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg
Gerente Gráfico da Revista: M. M. Kawasaki

International Magazines:
Editor Gerente: Marvin K. Gardner
Editor Gerente Assistente: R. Val Johnson
Editor Associado: David Mitchell
Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker
Controlador: MaryAnn Martindale
Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen
Desenho: Sharri Cook
Produção: Reginald J. Christensen, Jennifer Datwyler, Jane Ann Kemp, Denise Kirby

Equipe de Subscrições:
Diretor de Circulação: Thomas L. Peterson
Gerente de Circulação: Joyce Hansen
Gerente de Marketing: Kent H. Sorensen

A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Luiz Alberto A. Silva (Reg. 17.605)
Tradução e Notícias Locais: Ana Gláucia Ceciliato
Assinaturas: Loacir Severo Nunes

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas,
Caixa Postal 26023
05599-970 – São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: **R$ 7,80**; para Portugal – Centro de Distribuição Portugal, Rua Ferreira de Castro, 10 - Miratejo, 2800 - Almada. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples US$ 5,00, aérea: US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **R$ 0,65**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA – © 1977 A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em búlgaro, húngaro, islandês, russo e tcheco. Impressão: ULTRAPRINT Impressora Ltda. - Rua Bresser, 1224 - Brás - São Paulo - SP.
Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - 05512-300 - São Paulo - SP - Telefone (011) 816-5811.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price $9,00 a year. $1,00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

Printed in Brazil

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

UM RECURSO MISSIONÁRIO

A *Liahona* (português) é uma revista maravilhosa. Suas mensagens fazem-me reviver espiritualmente e fotalecem-me nos momentos de fraqueza. Fico maravilhado com o aumento de conhecimento e testemunho que adquiro a cada mês.

Sou grato pelas inspiradoras mensagens da Primeira Presidência e pelos outros artigos e testemunhos. Ajudam-me a apreciar a majestade do evangelho de Jesus Cristo.

A revista pode ser um grande recurso missionário. Dei um exemplar a uma amiga que não é da Igreja como forma de apresentar nossa mensagem a sua família.

Talvez todos devêssemos considerar a ideia de darmos uma assinatura da revista a amigos de fora da Igreja sempre que possível. Veremos uma obra maravilhosa e um assombro acontecer na vida das pessoas que aceitarem esse presente e o evangelho.

Evandson Luis de Lemos
Ala Ramos
Estaca Rio de Janeiro Brasil

PARA A NOITE FAMILIAR

Como missionário de tempo integral, recebo a *Liahona* (espanhol). Leio-a quase inteira no dia de preparação, inclusive durante o desjejum, o almoço e a hora de estudo. Os artigos contidos na revista fortalecem-me como missionário e dão-me idéias para a reativação de membros menos ativos.

Agora estou colecionando edições passadas para que, quando eu for para casa, meus pais, que não são membros, tenham a oportunidade de lê-las. Pretendo usá-las para ensinar minha própria família.

Élder Patani
Missão Paraguai Assunção

PALAVRAS INSPIRADAS

Sou membro da Igreja há quase três anos. Desde o começo, *Der Stern* (alemão) tem sido uma companheira fiel num caminho que nem sempre é fácil. Muitos irmãos deram-me edições passadas da revista para eu aprender sobre a história e o crescimento da Igreja. As palavras inspiradas das Autoridades Gerais, particularmente, encorajam-me e fortalecem meu testemunho do evangelho de Jesus Cristo.

Peter Sawatzki
Ala Mannheim
Estaca Mannheim Alemanha

ÍMPETO IRRESISTÍVEL

Quando *L'Étoile* chega a minha caixa de correio, imediatamente paro de fazer seja o que for para lê-la de capa a capa. Tenho um irresistível ímpeto de ler a revista, independentemente do que esteja fazendo.

Em minha cidade, Dieppe, há 37.000 habitantes, mas nenhum ramo da Igreja. *L'Étoile* alimenta-me espiritualmente até o domingo, quando revejo os outros membros da Ala Rouen, Estaca Paris.

Olivier Maurouard
Dieppe, França

Ele Nos Convida a Segui-lo

Presidente Howard W. Hunter

Há vários meses, um convite foi feito a nós, membros da Igreja, enquanto nos esforçamos por viver os mandamentos de Deus e receber a plenitude de suas bênçãos. O convite era para que todos os membros da Igreja tivessem uma vida mais parecida com a do Senhor Jesus Cristo, seguindo o exemplo de amor, esperança e compaixão que Ele demonstrou.

Foi-nos pedido que nos tratássemos com mais gentileza, mais cortesia, mais humildade, paciência e perdão. Temos grandes expectativas com relação uns aos outros e todos podemos melhorar. Nosso mundo pede que vivamos mais disciplinadamente os mandamentos de Deus. Como o Senhor disse ao Profeta Joseph nas frias profundezas da Cadeia de Liberty, a maneira de fazê-lo é "com persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido; (. . .) sem hipocrisia e sem dolo" (D&C 121:41–42). Podemos banquetear-nos à mesa que nos é oferecida na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e esforçar-nos por seguir o Bom Pastor, que a proveu.

A Pedro e seu irmão André, Cristo disse: "Vinde após mim" (Mateus 4:19). E a cada um de nós Jesus diz: "Se alguém me serve, siga-me" (João 12:26). O convite do Senhor para segui-Lo é individual e pessoal, e é premente.

DETALHE DE *CRISTO CHAMANDO PEDRO E ANDRÉ*, DE JAMES TAYLOR HARWOOD; FOTOGRAFIA DE JED CLARK

O SERMÃO DA MONTANHA, DE HARRY ANDERSON; FOTOGRAFIA DE CRAIG DIMOND

Repetidamente, durante Seu ministério mortal, nosso Senhor fez um chamado que era ao mesmo tempo um convite e um desafio. A Pedro e seu irmão André, Cristo disse: "Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens" (Mateus 4:19). Ao jovem rico que perguntou o que deveria fazer para conseguir a vida eterna, Jesus respondeu: "Vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, (. . .) e vem e segue-me" (Mateus 19:21). E a cada um de nós Jesus diz: "Se alguém me serve, siga-me" (João 12:26).

O convite do Senhor para segui-Lo é individual e pessoal, e é premente. Não podemos permanecer eternamente entre duas opiniões. Cada um de nós deve enfrentar a pergunta decisiva: "Quem dizeis que eu sou?" (Mateus 16:15). Nossa salvação pessoal depende de nossa resposta a essa questão e de nosso compromisso com a resposta. A resposta revelada a Pedro foi: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo" (Mateus 16:16). Inúmeras outras testemunhas podem dar uma resposta idêntica com o mesmo poder e junto-me a elas em humilde gratidão, mas cada um de nós deve responder a essa pergunta por si próprio—se não agora, então mais tarde; porque no último dia, todo joelho se dobrará e toda língua confessará que Jesus é o Cristo. Nosso desafio é responder corretamente e viver de acordo com a resposta, antes que seja definitivamente tarde demais. Uma vez que Jesus é realmente o Cristo, o que devèmos fazer?

Seu supremo sacrifício só pode encontrar total frutificação em nossa vida se aceitarmos o convite de segui-Lo. Não é um chamado irrelevante, irreal ou impossível. Seguir um indivíduo significa observá-lo ou escutar atentamente o que ele diz, aceitar sua autoridade, considerá-lo um líder e obedecer a ele, apoiá-lo, defender suas idéias e tomá-lo como modelo. Podemos aceitar esse

Sigamos o Filho de Deus de todas as formas e em todos os caminhos da vida. Façamos Dele nosso padrão e nosso guia. Até onde nossos poderes mortais permitirem, devemos esforçar-nos por nos tornarmos como Cristo.

desafio. Pedro disse: "Também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas" (I Pedro 2:21). Assim como os ensinamentos que não estão de acordo com a doutrina de Cristo são falsos, a vida que não se harmoniza com Seu exemplo é mal orientada e pode não atingir o elevado potencial de seu destino.

Para aqueles que ainda não abraçaram o evangelho, seguir a Cristo significa aprender com Ele e obedecer a Seu evangelho. O próprio Jesus definiu o evangelho: "E este é o mandamento: Arrependei-vos, todos vós, extremos da terra; vinde a mim e sede batizados em meu nome, a fim de que sejais santificados pelo recebimento do Espírito Santo, para que possais comparecer sem mancha perante mim, no último dia.

Em verdade, em verdade vos digo que este é o meu Evangelho; e sabeis o que deveis fazer em minha igreja, pois as obras que me vistes fazer, essas mesmas fareis, porque fareis aquilo que me vistes fazer" (3 Néfi 27:20–21).

A retidão deve começar em nossa própria vida, individualmente. Deve ser incorporada à vida familiar. Os pais têm a responsabilidade de seguir os princípios do evangelho de Jesus Cristo e ensiná-los aos filhos. A religião deve ser parte de nossa vida. O evangelho de Jesus Cristo deve tornar-se a influência motivadora de tudo o que fazemos. Deve haver mais esforço interior para seguir o grande exemplo estabelecido pelo Salvador se quisermos tornar-nos mais semelhantes a Ele. Isto se transforma em nosso grande desafio.

Nossa oração diária deve ser feita seguindo as palavras do hino:

Mais vontade dá-me, (. . .)
Mais força em Jesus,
Mais autodomínio,
Mais paz nessa cruz;
Mais rica esperança,
Mais obras aqui,
Mais ânsia do céu,
Mais vida em ti.
(*Hinos*, 1991, Nº 75)

Testifico que Jesus é o Cristo, o Salvador do mundo. Se pudéssemos captar a visão e harmonizar nossa vida com Seus ensinamentos, descobriríamos a alegria que nos foi prometida.

Lançamos novamente a pergunta mais importante feita pelo Filho de Deus, o Salvador do mundo. A um grupo de discípulos no Novo Mundo que ansiava ser ensinado por Ele e que estava mais ansioso porque Ele partiria em breve, Jesus perguntou: "Que classe de homens devereis ser?" A resposta foi imediata: "Como eu sou" (3 Néfi 27:27).

O mundo está cheio de pessoas dispostas a dizer-nos: "Faça o que eu digo". Certamente não faltam pessoas que gostam de dar conselhos a respeito de todo tipo de assunto, mas temos poucos preparados para dizer: "Faça o que eu faço". E, naturalmente, apenas Um na história da humanidade pode legítima e adequadamente fazer essa declaração. A história nos dá muitos exemplos de bons homens e mulheres, porém mesmo o melhor dos mortais é imperfeito de alguma forma. Nenhum deles é um modelo perfeito ou um padrão infalível a ser seguido, apesar da boa intenção que possa ter.

Somente Cristo pode ser nosso ideal, nossa "resplandecente estrela da manhã" (Apocalipse 22:16). Apenas Ele pode dizer sem *qualquer* restrição: "Segui-me, aprendei de mim, fazei as coisas que me vistes fazer. Bebei da minha água e comei de meu pão. Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Sou a lei e a luz. Olhai para mim e vivei. Amai-vos uns aos outros como eu vos amo" (ver Mateus 11:29, 16:24; João 4:13–14; 6:35, 51; 7:37; 13:34; 14:6; 3 Néfi 15:9; 27:21).

Oh! que chamado claro e ressoante! Que segurança e que exemplo, em uma época de insegurança e falta de exemplos.

O Presidente Ezra Taft Benson falou-nos do maravilhoso exemplo de Cristo: "Há quase dois mil anos um Homem perfeito andou na Terra—Jesus, o Cristo.(. . .) Em Sua existência, todas as virtudes foram vividas e mantidas em perfeito equilíbrio; Ele ensinou a verdade aos homens—que eles podem ser livres; Seu exemplo e preceitos provêem o grande padrão—o único caminho seguro—para toda a humanidade"

Seguir a Cristo significa aprender com Ele e obedecer a Seu evangelho. O próprio Jesus definiu o evangelho: "E este é o mandamento: Arrependei-vos, todos vós, extremos da terra; vinde a mim e sede batizados em meu nome, a fim de que sejais santificados pelo recebimento do Espírito Santo, para que possais comparecer sem mancha perante mim, no último dia" (3 Néfi 27:20).

[*Teachings of Ezra Taft Benson* (Ensinamentos de Ezra Taft Benson) Salt Lake City: Bookcraft, 1988, página 8].

O grande padrão! O único caminho seguro! A luz e a vida do mundo! Quão gratos deveríamos ser por Deus ter enviado o Filho Unigênito à Terra para fazer pelo menos duas coisas que ninguém mais poderia ter feito. A primeira tarefa de Cristo, como Filho perfeito e sem pecado, foi redimir a humanidade da Queda, expiando o pecado de Adão e nossos próprios pecados se aceitarmos segui-Lo. A segunda foi estabelecer o exemplo perfeito de um viver correto, de bondade, misericórdia e compaixão, para que toda a humanidade pudesse saber como viver, saber como melhorar e como tornar-se mais semelhante a Deus.

Sigamos o Filho de Deus de todas as formas e em todos os caminhos da vida. Façamos Dele nosso padrão e nosso guia. Perguntemo-nos em cada oportunidade: "O que Jesus faria?" e tenhamos mais coragem para agir de acordo com a resposta. Devemos seguir a Cristo, no melhor sentido da palavra. Devemos cuidar da obra do Senhor da mesma forma que Ele tratou dos negócios do Pai. Devemos tentar ser como Ele, como as crianças da Primária cantam, "Tentar, tentar, tentar" [*Children's Songbook* (Músicas para Crianças) página 55]. Até onde nossos poderes mortais permitirem, devemos esforçar-nos por nos tornarmos como Cristo—o único exemplo perfeito e sem pecado que este mundo já viu.

João, o discípulo amado, disse a respeito de Cristo: "Vimos a sua glória" (João 1:14). Eles observaram a vida perfeita do Salvador enquanto Ele trabalhava, ensinava e orava. Nós também devemos "ver a Sua Glória" de todas as formas que pudermos.

Precisamos conhecer a Cristo melhor do que O conhecemos; precisamos lembrar-nos Dele com mais freqüência do que lembramos; precisamos servi-Lo mais bravamente do que O servimos. Então beberemos da água que nos levará à vida eterna e comeremos o pão da vida.

Que classe de homens e mulheres devereis ser? Como Ele é. □

SUGESTÕES PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. Devemos viver prestando atenção redobrada à vida e ao exemplo do Senhor Jesus Cristo.

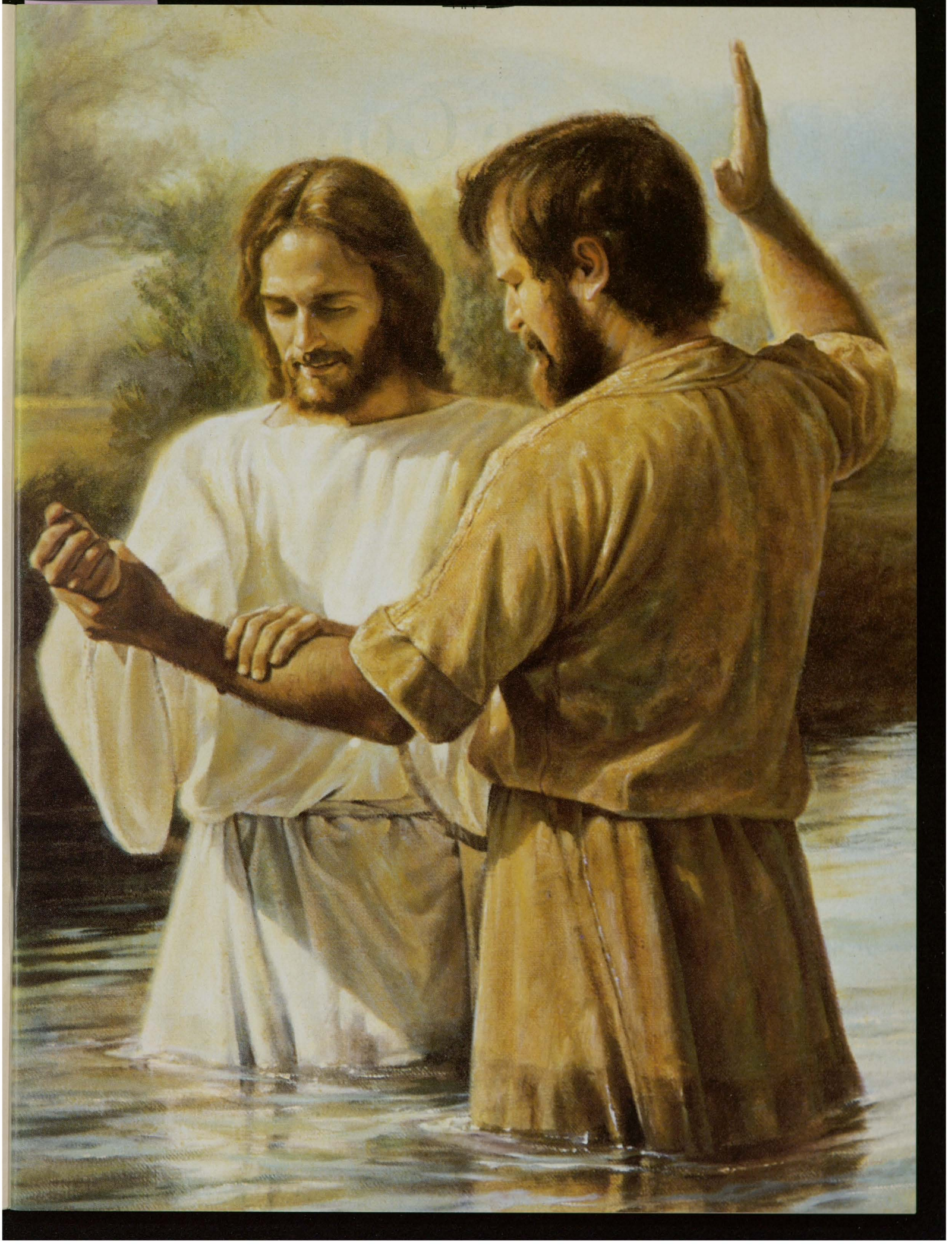
2. Jesus disse: "Se alguém me serve, siga-me" (João 12:26).

3. O supremo sacrifício de Cristo poderá encontrar frutificação em nossa vida somente se aceitarmos Seu convite para segui-Lo.

4. Em toda oportunidade devemos perguntar-nos: "O que Cristo faria?"

5. Precisamos conhecer a Cristo melhor do que O conhecemos; precisamos lembrar-nos Dele com mais freqüência e servi-Lo mais bravamente.

JOÃO BATISTA BATIZANDO JESUS, DE GREG K. OLSEN



Presidente Gordon B. Hinckley

Élder M. Russell Ballard
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Desde seus dias como missionário, *acima*, e durante quase quatro décadas como Autoridade Geral, o Presidente Hinckley tem servido ao próximo com dedicação e sensibilidade.

Uma Âncora de Fé

O dia estava nublado e caía uma chuva ameaçadora—condições típicas do noroeste da Inglaterra. Para o Presidente Gordon B. Hinckley, porém, o domingo, 12 de junho de 1994, estava glorioso. Observei seu entusiasmo pessoalmente, tendo-o acompanhado a Preston, onde ele servira como missionário 61 anos antes, e para onde retornara a fim de presidir a abertura da terra do Templo de Preston Inglaterra.

Ficou muito emocionado ao cumprimentar Gertrude Corless, que vivia em Preston desde a época de sua missão. Quando ele soube que um irmão com quem trabalhara estava presente, imediatamente abriu caminho por entre uma multidão de mais de 10.000 pessoas, olhando para o rosto das pessoas enquanto caminhava. Quando divisou Robert Pickles, agora confinado a uma cadeira de rodas, lágrimas brotaram-lhe dos olhos. Era óbvio, ao curvar-se para abraçá-lo e ao segurar-lhe a mão, que anos de separação não haviam enfraquecido seus sentimentos pelo velho amigo.

Passar algum tempo com o Presidente Hinckley é descobrir que suas emoções são profundas e vêm à tona com facilidade. Se lhe pedissem que escrevesse a respeito de si próprio, ele sem dúvida descreveria as pessoas e os locais que lhe são caros e as experiências que o comoveram. Incluiria muito pouco a respeito do que ou do quanto tem realizado.

Quase que certamente descreveria uma experiência característica de seu período como missionário. O jovem Élder Hinckley enfrentou problemas de saúde e intensa oposição quando chegou a Preston. Escreveu ao pai dizendo que estava desperdiçando tempo e dinheiro. Recebeu uma resposta breve: "Querido Gordon, estou com sua última carta e tenho uma única sugestão: esqueça-se de si mesmo e trabalhe". Diz o Presidente Hinckley: "Com a carta de meu pai nas mãos, (. . .) ajoelhei-me e fiz um compromisso com o Senhor. Fiz o convênio de que tentaria esquecer-me de mim mesmo e que me concentraria no Seu serviço.

Aquele dia de julho de 1933 foi meu dia de decisão. Uma nova luz entrou em minha vida e uma nova alegria em meu coração. A neblina da Inglaterra pareceu desvanecer-se."[1]

Quando criança, Gordon Hinckley

FOTOGRAFIA DE BUSATH PHOTOGRAPHY

passava o verão na fazenda da família. Lá, nas noites escuras do interior, ele e o irmão dormiam ao ar livre com freqüência e observavam a Ursa Maior e a estrela Polar. No devido tempo, Gordon aprendeu o que os navegadores já conheciam havia séculos—que não importava a rotação da Terra, a Estrela Polar mantinha sua posição—e essa constelação singular passou a ter um significado especial para ele. "Era algo com que sempre se podia contar, (. . .) uma âncora no que parecia ser um firmamento móvel e instável".[2]

Quão significativo foi que esse caráter fixo da Estrela Polar atraísse a atenção de Gordon B. Hinckley e que ainda jovem houvesse aprendido a absorver-se no serviço do Senhor! E que dizer de sua profunda emoção ao encontrar-se com velhos amigos da Inglaterra! Pois nessas qualidades—visão, dedicação e sensibilidade em relação aos outros—está a essência do homem.

O Presidente Gordon B. Hinckley é conhecido amplamente como um grande líder que tem carregado pesadas responsabilidades sobre os ombros, com resultados magistrais, mas essa é apenas uma faceta de um homem que é facilmente levado às lágrimas, que é também rápido no riso, que ama a vida e acredita que as oportunidades não têm limites para os que sonham alto e trabalham arduamente, um homem cujo senso de humor é contagiante e que capta a essência do otimismo, mesmo quando envolvido por nuvens sombrias. "Vai dar certo" é uma afirmação tranqüilizadora que lhe é comum.

Os que conhecem o Presidente Hinckley se espantam por sempre haver mais para se aprender sobre ele, pois ele possui o que parece ser uma infindável reserva de talentos e habilidades. Tanto a profundidade quanto a amplitude de seu conhecimento são impressionantes. Ainda assim, ele descreve a si mesmo como um menino tímido e sardento, que nunca se sentiu à altura dos extraordinários chamados que tem recebido.

No primeiro discurso feito em conferência geral revelou uma autocensura cativante, que lhe rendeu amigos imediatamente: "Recordo-me do que meu primeiro companheiro na missão disse quando recebi uma carta me transferindo para o escritório da Missão Européia. Depois de lê-la, entregueia a ele, que a leu e disse: 'Bem, você deve ter ajudado alguma velhinha a atravessar a rua na preexistência. Isto não aconteceu por causa de algo que tenha feito aqui'".[3] Apesar de seu destacado perfil como líder da Igreja durante aproximadamente quatro décadas, o Presidente Hinckley se considera um homem comum a quem foram dadas oportunidades incomuns. Depois de treze anos na Primeira Presidência, ainda se refere a si mesmo como o "Irmão Hinckley".

Entretanto, o Presidente Hinckley disse que "a característica mais persuasiva do evangelho é a vida exemplar de um fiel santo dos últimos dias".[4] Embora com certeza não se referisse a si próprio, sua história é fascinante e digna de ser contada.

Gordon Bitner Hinckley nasceu em 23 de junho de 1910, filho de Bryant S. e Ada Bitner Hinckley. No início da década de trinta, no auge da Grande Depressão, graduou-se pela Universidade de Utah e planejava estudar jornalismo na Universidade de Columbia quando recebeu um inesperado chamado missionário. Prontamente partiu para a Inglaterra. Antes de voltar para casa, seu presidente de missão, Joseph F. Merril, do Conselho dos Doze, pediu-lhe que, quando retornasse, relatasse diretamente ao Presidente Heber J. Grant os problemas encontrados na literatura missionária. Em pouco tempo Gordon estava trabalhando para a Igreja como produtor e secretário do Comitê de Rádio, Publicidade e Literatura Missionária. Foi o início do trabalho de relações públicas da Igreja. Durante duas décadas ele foi pioneiro no uso da mídia na Igreja e escreveu dezenas de folhetos sobre o evangelho.

A 29 de abril de 1937 Gordon casou-se com Marjorie Pay, uma alegre jovem que ele conhecia havia anos. Tiveram cinco filhos—Kathleen (Barnes), Richard Gordon, Virginia (Pearce), Clark Bryant e Jane (Dudley).

O Presidente Hinckley servia como presidente de estaca quando foi chamado como Assistente dos Doze, em 6 de abril de 1958. Seu chamado ao Quórum dos Doze

***À esquerda:* O Presidente Hinckley escreveu muitas palestras sobre o evangelho, inclusive o livro *A Verdade Restaurada*, que ele mostra aqui ao Presidente Joseph Fielding Smith. *À direita:* Élder Hinckley com Élder Howard W. Hunter (à esquerda) e Élder Thomas S. Monson em 1975, quando serviam juntos no Quórum dos Doze. A foto, mostrando-os em ordem de antigüidade no Quórum, prenuncia a posição que têm hoje, na Primeira Presidência.**

Apóstolos ocorreu em cinco de outubro de 1961. Serviu como conselheiro do Presidente Spencer W. Kimball de 23 de julho de 1981 até 10 de novembro de 1985; como conselheiro do Presidente Ezra Taft Benson até 30 de maio de 1994; e é agora o Primeiro Conselheiro do Presidente Howard W. Hunter. Imediatamente abaixo do Presidente Hunter em senioridade apostólica, é também Presidente do Quórum dos Doze. O Presidente Hinckley, que já trabalhou com oito Presidentes da Igreja, é agora a mais antiga autoridade geral viva. Quando foi chamado para o Quórum dos Doze a Igreja tinha 1.800.000 membros e 345 estacas, em comparação com os quase 9.000.000 de membros e quase 2.000 estacas hoje.

As pessoas que trabalham com o Presidente Hinckley consideram-no um homem de visão. Ele analisa profundamente assuntos como a simplificação dos programas da Igreja e o aumento da fé dos membros. Na verdade, passou a maior parte da vida auxiliando outras pessoas a captarem a visão da obra do Senhor. "Examinai os grandes campos e cultivai os pequenos", aconselha ele—um convite que descreve sua forma de ver as coisas como um todo e de cumprir sua própria mordomia. "Eu vos convido", disse ele em uma típica declaração, "a olhardes para além dos limites estreitos de vossas alas e a terdes uma visão mais ampliada da obra de Deus. Temos um desafio a enfrentar, um trabalho além de todo o nosso entendimento (. . .). Nenhum grupo de pessoas na face da Terra já recebeu uma ordem mais enérgica do Deus do céu do que a que recebemos nesta Igreja".[5] Este tema encontra-se entremeado em quase todos os seus discursos.

A propensão do Presidente Hinckley de ver as coisas como um todo se estende a muitas arenas. Pouco depois de seu casamento, construiu uma casa pequena que pudesse ser ampliada quando a família crescesse. Seu filho Clark diz: "Meu pai sempre planeja com olhos no futuro. Na casa que construiu, deixou aberturas para portas no meio das paredes, dizendo que à medida que reformasse e ampliasse a casa, as portas seriam necessárias." Dick, o filho mais velho, acrescenta: "Parecia que nossa casa estava sempre um ano ou dois atrasada em relação ao crescimento da família, e nossa mãe tinha que lidar constantemente com alguma parte inacabada da casa ou do quintal. Quando, anos depois, se mudaram para um condomínio, nossa mãe disse: 'Finalmente temos paredes de tijolo que seu pai não poderá derrubar nem alterar!'"

A capacidade de ver além do aqui e agora não se perdeu na família. O Presidente Hinckley sempre quis que os filhos estudassem, casassem no templo, vissem o mundo e conhecessem seus habitantes. Ainda hoje a filha Kathy diz: "Todos nós adoramos viajar e conhecer pessoas novas. Está no sangue. De nosso pai herdamos a percepção de que nada era grande demais para se agarrar, de que

nenhuma distância era grande demais para se cobrir". Virginia acrescenta: "Ele confiava em nossa capacidade de enfrentar qualquer desafio".

O Presidente Hinckley não se deixa intimidar por uma tarefa difícil. Quando recém-casados, os Hinckleys mudaram-se para a casa da fazenda—uma casa de verão, sem aquecimento. Kathy diz: "Papai abordou esse problema da mesma forma que o víamos solucionar tantos outros—de frente. Comprou um forno e começou a ler as instruções para instalação. O forno funcionou perfeitamente. Ele queria que enfrentássemos os desafios usando o mesmo tipo de abordagem—decidir o que se quer, seguir as instruções cuidadosamente e pô-las em prática".

"Papai podia consertar qualquer coisa", diz Dick, "quer fosse a caixa de engrenagens da máquina de lavar, o cortador de grama ou o carro da família. Tal engenhosidade, aliada a um grau incomum de pragmatismo e bom senso tem-lhe rendido altos dividendos. Calculo que houve muitos desafios no decorrer dos anos que podem ter parecido impossíveis para homens de imaginação mais limitada, mas para os quais ele encontrou soluções únicas."

Seus companheiros dizem que os instintos do Presidente Hinckley são simplesmente fenomenais, que ele tem um sexto sentido para lidar com temas carregados de complexidades religiosas, sociais ou políticas. Ao auxiliar na direção dos assuntos da Igreja, ele demonstra ter uma visão aguçada.

Em sua vida já sofreu ataques pessoais por parte de críticos da Igreja; ainda assim ele trata cada situação com uma dignidade serena. E ao lidar com outros desafios, demonstra uma admirável combinação de respeito e força.

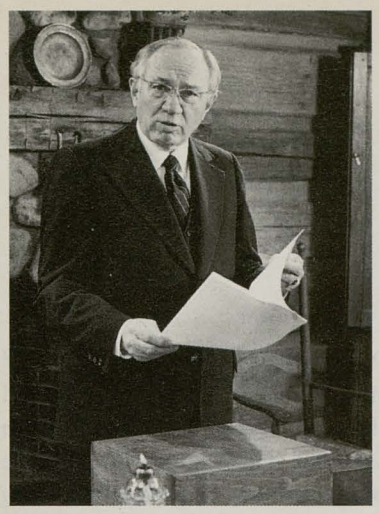
O Presidente Hinckley tem afirmado repetidamente aos membros da Igreja que a Primeira Presidência e o Quórum dos Doze portam as chaves necessárias para governar a Igreja e que o Senhor controla o infalível sistema de sucessão profética:

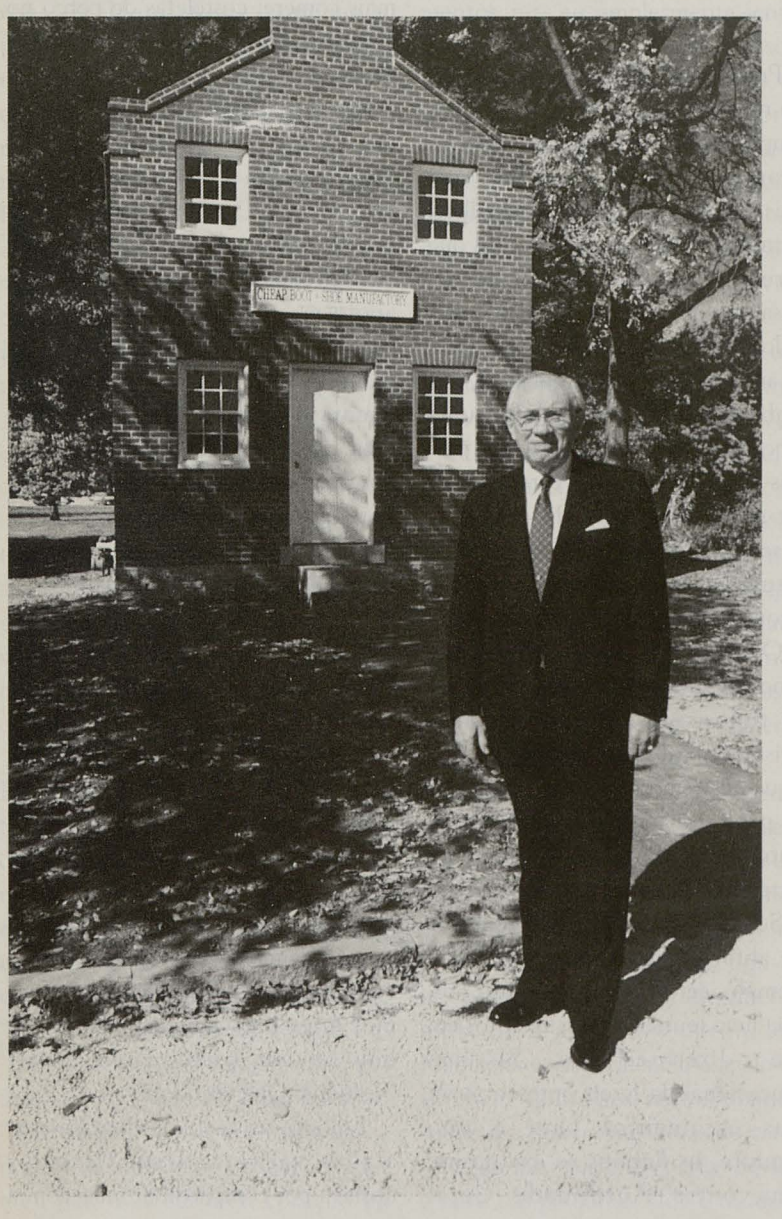
"Que fique bem claro para todos que Jesus Cristo está à testa desta Igreja que leva Seu santo nome. Ele zela por ela.(. . .) Ele tem o direito, o poder e a opção de chamar homens para altos e sagrados ofícios e de desobrigá-los de acordo com Sua santa vontade, chamando-os de volta ao lar.(. . .) Não me preocupo com as circunstâncias em que nos encontramos. Aceito-as como expressão de Sua vontade.(. . .) Asseguro a cada um de vós e ao mundo inteiro que há unidade e fraternidade com total dedicação a um objetivo básico, que é o de edificar o reino de Deus na Terra."[6]

Seja qual for o tema, o Presidente Hinckley fala francamente, porém com compaixão. Chega com freqüência às lágrimas quando se refere aos que se perderam ou aos que sofrem, ou quando relata histórias de santos fiéis, tanto do passado como de hoje. Incentivado pela crença de que o passado é um modelo para o presente, seus sermões e escritos são ricos em incidentes extraídos da história da Igreja, por ter ele amplos conhecimentos sobre o povo e os acontecimentos desta dispensação: "O conforto, a paz e, mais importante, a fé e o conhecimento que temos hoje das coisas de Deus, foram comprados por um preço terrível, pago por aqueles que nos precederam", diz ele.[7]

O Presidente Hinckley tem uma rica herança de seus antepassados pioneiros. Em 1867, Brigham Young chamou seu avô, Ira Nathaniel Hinckley para construir um forte em Cove Creek, a fim de proteger os viajantes das intempéries e dos índios. (Em maio passado, o Presidente Hinckley dedicou o forte restaurado.) A avó paterna da Irmã Hinckley, Mary Goble, tinha apenas treze anos quando imigrou para Utah, procedente da Inglaterra. A mãe, o irmão e a irmã de Mary morreram durante a viagem através das planícies e ela perdeu os dedos dos pés, gangrenados pelo frio. O Presidente Hinckley cita com freqüência a difícil jornada de Mary Goble como símbolo de fé. Em carta a uma filha, Irmã Hinckley escreveu: "Estou sentada no *Valley Music Hall* (Teatro Musical do Vale) onde seu pai é o orador principal no serão regional em homenagem à companhia de carrinhos-de-mão. Posso sentir que está chegando o momento em que ele contará a história de Mary Goble".

Não há nada de pretensioso no





O Presidente Hinckley tem amplo conhecimento dos sofrimentos dos primeiros santos e grande admiração pelo que fizeram. *Alto, à esquerda:* Falando na comemoração do sesquicentenário da Igreja, na casa de Peter Whitmer em Fayette, Nova York. *Abaixo:* Em Nauvoo, Illinois. Como seus antepassados pioneiros, ele e a esposa, Marjorie, *alto, à direita*, fundamentaram sua vida nos princípios do evangelho. Seus filhos eram "livres para viverem, crescerem, desenvolverem-se e tornarem-se o que quisessem—porque o alicerce estava solidamente assentado".

Presidente Hinckley, que se relaciona com chefes de estado e com membros da Igreja com o mesmo desembaraço e interesse. Estive a seu lado quando se encontrou com o Rei Juan Carlos I e a Rainha Sofia da Espanha e presenteou a monarquia espanhola com uma linda edição encadernada em couro do Livro de Mórmon. Falou-lhes a respeito do livro com o mesmo fervor com que falara aos missionários.

Em uma parada em Roma, o Presidente Hinckley entregou ao Padre Leonard Boyle, prefeito da Biblioteca do Vaticano, uma edição da *Enclyclopedia of Mormonism* (Enciclopédia do Mormonismo). Cumprimentaram-se como dois velhos amigos. O Padre Boyle ficou impressionado com o conhecimento do Presidente Hinckley a respeito de

O Presidente Hinckley, um homem de discernimento aguçado que "se preocupa intensamente com o fortalecimento mútuo e a ajuda aos oprimidos", aqui olha para a congregação, na conferência geral.

livros e das técnicas utilizadas para impedir seu envelhecimento. No final da reunião, o prefeito observou com seu forte sotaque irlandês: "O Presidente Hinckley é verdadeiramente um homem notável".

Durante a inspeção da ampla reforma do Templo da Suíça, o Presidente Hinckley insistiu em reunir-se com os membros que conhecera em 1955, quando ajudou na dedicação original. Esses amigos alegraram-se por ver que o Presidente Hinckley não os havia esquecido.

Trabalhador incansável, durante muitos anos dedicou as horas que tinha de lazer à reforma de sua casa e melhoria do jardim. Quando a tensão era muito grande no escritório, ele descansava vestindo roupas de trabalho e adiantando seu último projeto de benfeitoria da casa. Certo dia de Ação de Graças, preparou a terra para o assentamento do alicerce da casa que estava construindo. Ele sempre achou que devemos trabalhar em feriados.

Presidente Hinckley ainda segue um ritmo agitado. Em dedicações de templo ele fala em todas as sessões e raramente usa o mesmo discurso duas vezes. Em uma carta aos filhos, a Irmã Hinckley escreveu: "Sei que pareço sempre repetir a mesma coisa, mas nunca vi seu pai tão ocupado. Ele tenta manter tantas bolas no ar ao mesmo tempo [que] (. . .) acaba frustrado. (. . .) Em uma época em que a maior parte das pessoas se aposentam, ele parece esforçar-se mais e mais. Há dois dias disse-lhe que o ralo da pia estava entupido, mas até agora ele nem tocou no assunto".

O senso de humor do Presidente Hinckley tem-no ajudado a atravessar tudo isso. O humor é marca registrada Hinckley. Virginia diz que o que é mesmo divertido nas piadas do pai é vê-lo contá-las: "Ele ri tanto, que quando vai chegando na parte final ele mal consegue falar".

Seu senso de humor faz com que ele abrande muitas situações. Por exemplo, certa tarde, enquanto presidia uma reunião de orçamentos em que diretores do Sistema Educacional da Igreja apresentavam seus orçamentos para o ano seguinte, os ânimos se exaltaram. Uma outra Autoridade Geral voltou-se para o Presidente Hinckley e perguntou: "Qual a *sua* opinião?" Ele, que havia estado escutando com o queixo repousado na palma da mão, replicou: "Creio que nunca mais comerei costeletas de porco no almoço." Todos riram e a tensão se dissipou.

Quando inspeciona projetos de construção, o Presidente Hinckley cita freqüentemente a "Lei de Hinckley": "Custará mais e levará mais tempo do que disseram".

O Presidente Hinckley recebe um apoio maravilhoso da família, na qual ninguém se leva demasiadamente a sério—uma característica encorajada tanto pelo pai quanto pela mãe, que não foram afetados por todos esses anos em que têm sido personagens de destaque. Irmã Hinckley tem preenchido os longos períodos que fica longe dos filhos e netos, enviando-lhes cartas de todo o mundo. Virginia diz: "Passamos a apreciar os chamados de nosso pai por meio de nossa mãe, que os transformava em experiências de que todos partilhávamos, contando-nos todos os pormenores. Quando eles foram à dedicação do Templo de Seul Coréia e ela contou-nos a respeito das lindas mulheres em seus trajes coreanos que se alinhavam nos corredores após a dedicação, pudemos fazer uma imagem mental do que haviam visto. Papai disse: 'Vestidos? Que vestidos?'"

Embora as cartas preenchessem alguns vazios, a Irmã Hinckley ansiava por compartilhar mais com a

família. Quando o Presidente Hinckley lhe perguntou como gostaria de comemorar os 50 anos de casamento, ela respondeu imediatamente: "Gostaria de caminhar pelas ruas de Hong Kong com meus filhos". O pedido parecia impossível, mas os filhos decidiram economizar o dinheiro que uma viagem desse tipo requeria. Diz Kathy: "Tinha ouvido minha mãe descrever as ruas de Hong Kong com tantos detalhes que quando comecei a caminhar por elas senti-me como se tivesse chegado em casa. Estar finalmente em Hong Kong era como entrar no outro mundo de nossos pais".

Virginia diz: "Por estarmos tão certos a respeito do que nossos pais defendiam, não tínhamos que tentar impressionar os outros ou parecer mais do que realmente éramos. Esse simplesmente não é o estilo de nosso pai. Ele se recusa a levar muito a sério as coisas que não são importantes—simplesmente porque ele sabe com certeza as coisas que importam".

E o que importa é o evangelho. Embora a noite familiar e a oração familiar fossem parte regular da vida dos Hinckleys, nenhum dos filhos se recorda de debates sérios a respeito do evangelho. Os valores e as crenças eram ensinados de outra forma. "Papai não era do tipo ditador", diz Jane, "mas sempre sabíamos sua posição".

Dick descreve a influência do pai durante sua fase de crescimento: "Não me recordo de conversar sobre muitas de minhas preocupações com meu pai, mas em meu coração eu sabia que *ele* sabia que o evangelho é verdadeiro e isso tinha uma importância fundamental para mim. Ele era como uma âncora. Não porque falasse abertamente sobre seus sentimentos, mas eu simplesmente sentia que ele sabia. Deus era real e pessoal para ele. E quando ele orava, eu aprendia a respeito de quão profunda era sua fé. Ele orava por nós, por aqueles que eram 'tiranizados e oprimidos' e que estavam 'sozinhos e com medo'. Uma frase que ele usava bastante era 'Oramos por uma vida sem remorsos'".

Kathy acrescenta: "Era um grande conforto crescer em uma casa onde a vida era estável. Sabíamos que as circunstâncias poderiam mudar, mas que os valores de nosso pai e o objeto de sua dedicação jamais mudariam. Nós nos sentíamos seguros e queridos, o que criava um ambiente de liberdade para vivermos, crescermos, nos desenvolvermos e nos tornarmos o que quiséssemos—porque o alicerce estava solidamente assentado.

Da mesma forma, o Presidente Hinckley tem ajudado a dar um sentido de estabilidade à Igreja como um todo, guiando com confiança quando chamado a fazê-lo. Ele é tanto forte como compassivo e preocupa-se intensamente com o fortalecimento mútuo e a ajuda aos oprimidos. Menciona com freqüência o apelo de Brigham Young aos santos quando soube das duas companhias de carrinhos-de-mão correndo perigo devido à neve nas pradarias: "Ide e trazei-os das planícies".

Talvez esse relato ressoe no coração do Presidente Hinckley porque ele devotou a vida a resgatar os debilitados que se encontravam nas planícies do desânimo, do desespero e do pecado. "Sei que ao nosso redor há muitos que precisam de ajuda e que merecem ser salvos. A missão de nossa vida, como seguidores do Senhor Jesus Cristo, deve ser uma missão de salvamento.(. . .) Podemos fazer mais para ajudar os que vivem nos limites da sobrevivência".[8]

O Presidente Hinckley levou a sério o conselho dado por seu pai há 61 anos; ele esqueceu-se de si mesmo e trabalhou. Com esse compromisso firmemente estabelecido, tornou-se como a Estrela Polar—uma âncora e uma fonte de estabilidade para todos os que estão sob sua influência. E ele tem abençoado todos os que têm a sorte de conhecer sua inteligência, calor e exemplo digno de ser seguido. Como um sábio disse certa vez, a característica mais persuasiva do evangelho *é* a vida exemplar de um santo dos últimos dias.

E assim é a vida do Presidente Gordon B. Hinckley. □

NOTAS

1. *Ensign*, julho de 1987, página 7.
2. *Ensign*, maio de 1989, página 66.
3. *Improvement Era*, dezembro de 1961, página 978.
4. *Ensign*, maio de 1982, página 45.
5. *Ensign*, maio de 1990, página 97.
6. *Ensign*, maio de 1994, página 59.
7. *Ensign*, novembro de 1991, página 54.
8. Ibid., página 59.

RETRATO DE MERRETT

Presidente Thomas S. Monson

Élder Jeffrey R. Holland
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Acabar a Carreira, Guardar a Fé

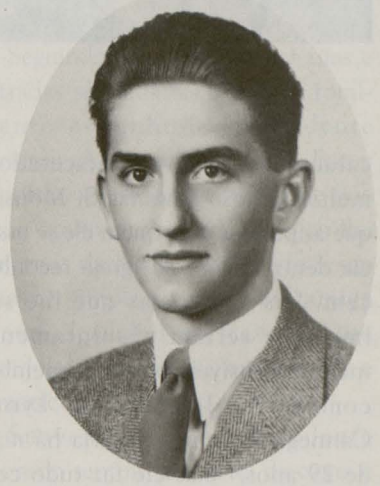
Na parede do escritório do Presidente Thomas S. Monson, que fica em frente a sua mesa espantosamente limpa (espantosa apenas devido à legendária quantidade de trabalho que ele processa diariamente, o que exige até três secretárias de uma vez), um lindo quadro do Salvador depara-se com o olhar intenso do Segundo Conselheiro do Presidente Howard W. Hunter na Primeira Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. O Presidente Monson adora o quadro, que é seu desde que era um bispo de 22 anos de idade. Ele leva-o para onde quer que vá cumprir uma designação de trabalho.

"Tento fazer com que minha vida siga o padrão do Mestre", diz o Presidente Monson de modo calmo, pensativo, contemplando o retrato. "Sempre que tenho uma decisão difícil a tomar, ou que preciso decidir atender um pedido de bênção ou cuidar de todos os papéis que estão em minha mesa, olho para esse quadro e me pergunto: 'O que Ele faria?' Então tento fazê-lo". Com seu sorriso característico, o Presidente Monson acrescenta: "Posso garantir-lhe que a escolha nunca é a de permanecer aqui e cuidar da papelada!"

Quando se conhece o Presidente Monson, um homem alegre e enérgico, torna-se difícil entender que ele é um Apóstolo há mais de trinta anos, tendo, inclusive, servido oito anos como Segundo Conselheiro do Presidente Ezra Taft Benson! Verdadeiramente esse homem devotou a vida ao Salvador, seguindo Seu exemplo na vida pessoal e no chamado como profeta, vidente e revelador. Como diz uma de suas escrituras favoritas, Thomas S. Monson sempre esteve empenhado "no serviço do Senhor" (D&C 64:29).

"Para conhecer meu irmão Tom", diz Robert, o irmão mais moço do Presidente Monson, "é preciso conhecer nosso pai. Ele era um homem tranqüilo—mais tranqüilo que Tom", Robert ri, "mas qualquer designação que aceitasse, cumpria-a integralmente. Acreditava que, se tinha um trabalho a fazer, deveria ir até o final. Ele sempre deu cem porcento de si."

Certamente esse legado de seu pai terreno—uma herança tão vigorosamente empregada na obra do Pai Celestial—é uma das muitas



À esquerda: **O Presidente Thomas S. Monson vem servindo como membro da Primeira Presidência desde 10 de novembro de 1985.** ***Acima:*** **Conhecido como "Tommy" na juventude, o Presidente Monson fez o segundo grau na Cidade do Lago Salgado, Utah.**

RETRATO DE MERRETT

À esquerda: Antes do chamado como Autoridade Geral, o Presidente Monson (aqui cercado por alguns de seus 350 colegas de trabalho) serviu como gerente geral da Deseret News Press. À direita: Quando Thomas S. Monson foi chamado como membro do Quórum dos Doze, em 4 de outubro de 1963, foi fotografado com a esposa, Frances, e os três filhos—Thomas, 12 anos; Ann, 9 e Clark, 4.

características do multifacetado e multitalentoso Thomas S. Monson que as pessoas com quem ele se associa dentro e fora da Igreja reconhecem. "As exigências que lhe são impostas seriam absolutamente incompreensíveis para um membro comum da Igreja", diz Lynne Cannegieter, sua secretária há mais de 29 anos, "mas ele faz tudo com um sorriso. Tem uma incrível capacidade para o trabalho árduo, com uma capacidade igualmente incrível de controlar muitos assuntos complexos e detalhados simultaneamente. E ele é meticuloso. Nunca deixa uma tarefa sem terminar".

Talvez uma compreensão desse tipo de devoção pessoal ao dever dê ainda mais significado ao discurso que Élder Monson proferiu na conferência geral de abril de 1972, intitulado "*Finishers Wanted*" ("Precisa-se de Acabadores"). A respeito de um cartaz com apenas duas palavras, colocado na vitrina de uma loja de móveis, o Élder Monson disse: "Na vida, como nos negócios, sempre houve necessidade de pessoas que deveriam ser chamadas de acabadores. Eles são poucos, suas oportunidades são muitas e grandes as suas contribuições.

Desde o princípio até hoje, uma pergunta fundamental espera para ser respondida por todos os que participam da corrida da vida. Deverei (. . .) completar [e, como disse o Apóstolo Paulo, receber] (. . .) 'o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis' (I Coríntios 9:24)."

Essa qualidade singular de completa devoção e compromisso inflexível parece tão verdadeira nos relacionamentos pessoais e familiares do Presidente Monson quanto em seus hábitos de trabalho—se é que isso é possível. *Lealdade* é uma palavra que, com freqüência, aflora aos lábios dos que melhor conhecem Tom (ou, em sua juventude, "Tommy") Monson. Sua afeição por amigos antigos é sólida e imortal. Não seria de se esperar que ele se lembrasse desses amigos, devido à agitação de sua vida agora tão atarefada—ele, porém, lembra-se de todos.

Seu amigo de infância, John Burt, diz: "A atenção que Tom tinha para com as viúvas que viviam em sua ala—87 delas—é um exemplo de sua lealdade e devoção às pessoas. Quando nós outros éramos desobrigados como bispos, de certa forma passávamos a preocupar-nos com a nova tarefa e deixávamos as viúvas a cargo de nossos sucessores. Tom, não. De algum modo ele encontrava tempo para continuar a visitá-las. É o homem mais leal que conheço. Ele nunca se esquece de sua origem nem das pessoas que o conheciam antes que se tornasse 'alguém'".

Quase todas as 87 viúvas são falecidas agora, mas seu "bispo" visitou-as até o final. Certa noite, na época de Natal, há alguns anos, o Presidente Monson fazia as costumeiras visitas a "suas" viúvas, deixando presentes que comprava com o próprio dinheiro, incluindo gordas galinhas que eram no início criadas em seu próprio galinheiro. Em um dos asilos da Cidade do Lago

Salgado, que ele conheceu muito bem, encontrou uma das irmãs de sua ala, só e calada, no quarto que tornava seu mundo ainda mais escuro, pois começava a ficar cega. Quando o Presidente Monson se aproximou, ela estendeu a mão com dificuldade, tateando à procura da mão do único visitante que tivera na época de Natal. "Bispo, é o senhor?" perguntou ela.

"Sim, querida Hattie, sou eu."

"Oh! bispo", lágrimas correram de seus olhos sem visão, "Sabia que *o senhor* viria."

Todas sabiam que ele as visitaria, e ele sempre o fez.

Essa lealdade reverente e quase sagrada e o respeito pelos idosos é, com freqüência, acompanhada de outro tipo de lealdade—uma lealdade aos sussurros mansos e delicados do Espírito, que podem ser a característica mais evidente e inspiradora na vida de Thomas S. Monson. "A sensação mais doce que podemos ter neste mundo é sentir a mão do Senhor em nosso ombro", diz o Presidente Monson com suavidade e um pouco emocionado. "Em minha bênção patriarcal, quando criança, foi-me prometido que eu teria o dom do discernimento. Tenho que admitir que tal declaração foi cumprida plenamente em minha vida". Realmente, a vida do Presidente Monson—certamente sua vida como Apóstolo e membro da Primeira Presidência—parece, em certo sentido, ser uma crônica longa e contínua dos sussurros do Espírito Santo, com muitos e variados milagres que são resultado da resposta de Élder Monson a tais inspirações.

Há não muito tempo, o escritório do Presidente Monson recebeu um telefonema do filho de uma senhora de 82 anos que estava à beira da morte. O último e único pedido da mãe era conhecer sua "Autoridade Geral favorita" antes de morrer. No caso dessas ligações, as secretárias esperam atender antes do Presidente Monson, pois, de outro modo, toda a sua vida seria gasta em tais visitas. Solicitações desse tipo chegam às dezenas em seu escritório. Uma das secretárias atendeu a esse telefonema em particular, tomou nota dos detalhes e prometeu entregar a mensagem ao Presidente Monson. Ela também mencionou cortesmente que os compromissos do Presidente Monson eram muito numerosos; a irmã idosa certamente seria lembrada nas orações do Presidente Monson, mesmo se ele não tivesse como fazer-lhe uma visita pessoal. O filho fiel desligou o telefone grato e totalmente satisfeito com a resposta.

O recado foi dado. A agenda, repleta de compromissos, como sempre, impossibilitava uma visita. À medida que o dia passava, o Presidente Monson começou a ficar agitado. A noite foi ainda pior. No dia seguinte, não pôde resistir. Entrou no carro e rumou para um endereço desconhecido, a fim de visitar uma irmã à beira da morte, que jamais vira.

Seguindo seu caminho por ruas e estradas secundárias e bairros totalmente estranhos, o Presidente Monson chegou a seu destino. Bateu à porta, apresentou-se ao filho, que ficou muito surpreso, e entregou-lhe um vaso de flores. Foi levado a um quarto simples, onde uma amiga recém-descoberta estava em um estado semi-comatoso, entre a vida e a morte.

Suavemente, o Presidente Monson sentou-se à beira da cama e segurou-lhe a mão. Conversou mansa e amorosamente com ela por muito tempo a respeito de uma grande variedade de princípios do evangelho. Embora seus olhos estivessem fechados e ela não pudesse emitir qualquer resposta verbal, seu filho—testemunha de cada detalhe desse grande gesto apostólico—testificou que tinha certeza de que a mãe não apenas sabia quem a estava visitando mas também entendeu cada palavra do que ele disse. Foi-lhe dada uma bênção e o Presidente Monson, que notou mas não mencionou a moldura com uma foto sua sobre o humilde consolo da lareira, pediu licença e deixou o quarto.

A doce irmã faleceu nove horas mais tarde, tendo realizado o grande desejo final de sua vida. No outro dia, o obituário do jornal local publicou: "Alice Petersen Tingey, 82 anos,

faleceu de causas naturais em sua casa. Era uma pessoa dedicada que tocou a vida de muitas pessoas. Gostaríamos de agradecer ao Presidente Thomas S. Monson por sua bênção especial e pela influência que teve sobre ela e sua família".

Seguir esses sussurros espirituais, freqüentemente em momentos curtos e decisivos, tornou-se uma das marcas mais importantes da vida e ministério de Thomas S. Monson.

É interessante notar que além desses testemunhos sobre a lealdade do Presidente Monson aos idosos, há também muitos testemunhos espontâneos sobre sua igual preocupação com os jovens da Igreja. Há alguma coisa perpetuamente juvenil no Presidente Monson, que lhe permite relacionar-se com todos os membros da Igreja, mas especialmente com os jovens. Ele os ama, conhece-os e é dedicado ao progresso espiritual deles.

Logo depois de ter dado baixa na Marinha, depois da Segunda Guerra Mundial, foi chamado como secretário adjunto da ala. Certa noite, estava redigindo a ata enquanto o bispado se torturava devido à visível falta de sucesso com os jovens da ala, incluindo desafios dentro do programa da Mutual. Aparentemente, o jovem secretário ouviu até não agüentar mais e disse: "Desculpem-me, irmãos, mas posso dizer algo a respeito da Mutual e dos desafios dos jovens nesta ala?" Ele então disparou, em fogo rápido e profundo, um resumo não apenas do que estava errado com o programa da juventude da ala, mas do que poderia rapidamente torná-lo correto. Então, percebendo que talvez tivesse sido audacioso e presunçoso demais, disse: "Perdoem-me. Creio que falei demais", e pediu licença para sair da sala.

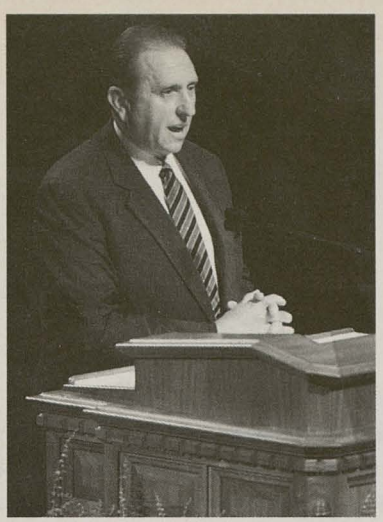
Ele mal havia saído, quando os membros do bispado olharam uns para os outros e disseram: "O que estamos esperando?" Chamaram-no imediatamente de volta à sala, desobrigaram-no como secretário e designaram-no como superintendente da Mutual. Em seis meses, o programa conjunto da Ala 67, juntamente com o dedicado jovem superintendente, era o exemplo que todos os líderes da Estaca Temple View procuravam para suas próprias atividades com os jovens.

Essa dedicação de toda uma vida em prol da juventude reflete-se atualmente nos 25 anos de serviços prestados pelo Presidente Monson ao Comitê Nacional Executivo dos Escoteiros da América, um mandato mais longo do que qualquer homem já cumpriu naquela organização. Jere B. Ratcliffe, Chefe Escoteiro Executivo dos Escoteiros da América, diz: "Não conheço outra pessoa a respeito de quem eu poderia falar mais coisas positivas do que posso dizer sobre Tom Monson. Para mim, Tom personifica o *entusiasmo* em seu significado original— 'Deus dentro', ou, literalmente, 'inspirado'. Ele traz vida a toda reunião de que participa. A Igreja SUD é abençoada por ter tal líder para a juventude".

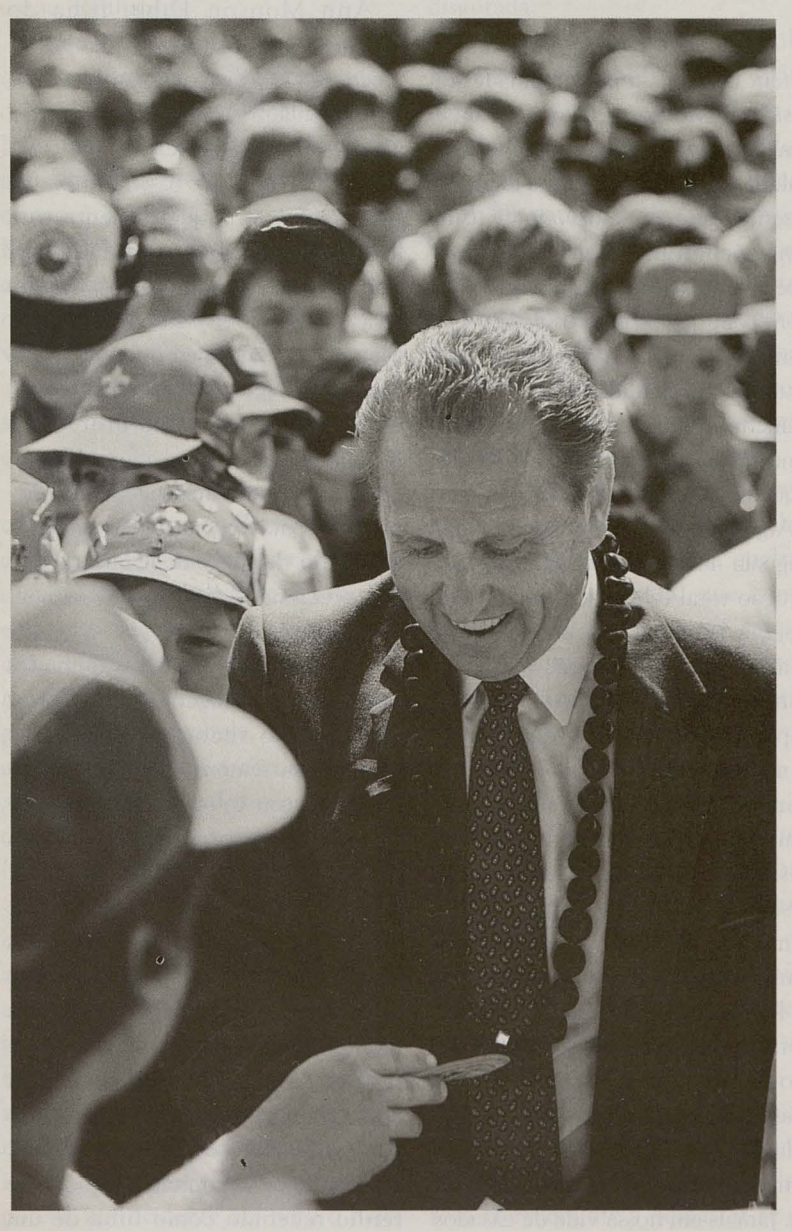
Um de seus colegas diz que o Presidente Monson se relaciona bem com os jovens "porque no coração ele ainda é apenas um menino. Já o viram em algum jogo universitário ou do Utah Jazz? Ele acompanha cada jogada com genuíno interesse. Tom é um homem de grande porte, com grandes responsabilidades, mas que ainda exibe o entusiasmo da juventude".

De algum modo essa observação soa verdadeira, especialmente quando sabemos que ele é o menino de 12 anos de idade que na primeira visita ao Monumento às Gaivotas, na famosa Praça do Templo, ficou imaginando como se poderia apanhar as moedas de cinco e dez centavos que eram atiradas no tanque por pessoas um pouco mais contemplativas. Na verdade, Tommy Monson ficou muito comovido com aquela visita à Praça do Templo e, ao retornar para sua ala, fez o primeiro discurso de sua vida—contou aquela maravilhosa história dos pioneiros, sobre as gaivotas e os gafanhotos.

Menos travesso agora, mas não menos devotado à sua herança, o Presidente Monson é um líder cuja participação cívica em nível local, nacional e internacional tem sido notada e altamente apreciada. Sua



RETRATO DE OLAN MILLS

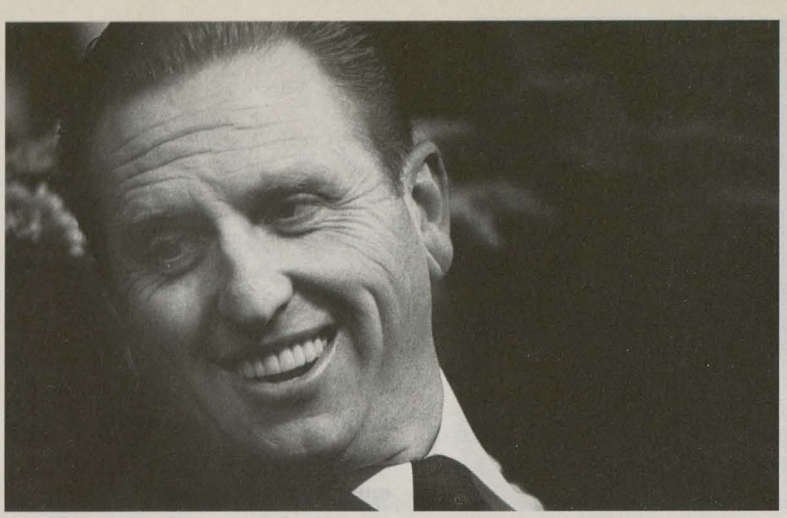


Acima, à esquerda: **Orador vibrante, o Presidente Monson é muito conhecido por narrar experiências que estimulam a fé.** ***Acima, à direita:*** **Casada a 7 de outubro de 1948 com Thomas S. Monson, Frances Johnson Monson iguala-se ao marido em devoção total e lealdade inflexível à Igreja, à família e aos amigos.** ***Abaixo:*** **O Presidente Monson serve no Comitê Nacional Executivo dos Escoteiros da América há 25 anos—mais tempo do que qualquer outra pessoa.**

generosidade, amizade e vivacidade de espírito tem-lhe sido muito útil em grande número de contatos comunitários e governamentais, inclusive em serviços prestados a grupos de negócios e profissionais.

Glenn Snarr, um colega há 45 anos na *Deseret News Publishing Company* (da qual o Presidente Monson é hoje o presidente do conselho, com o irmão Snarr servindo como membro do conselho de diretores) diz: "Quando encontrei Tom pela primeira vez, ele trabalhava no departamento de publicidade da *News* e eu no departamento de editorial. Ele era cheio de energia, entusiasta, eficiente, com mente e memória perspicazes. Acima de tudo, era atencioso e solícito. Tom sempre se importou com as pessoas. Ele não mudou".

Um jovem colega que trabalhou



O amor genuíno e a consideração do Presidente Monson pelas pessoas reflete-se em seu riso espontâneo.

com ele em serviços comunitários confirma essa qualidade cristã do Presidente Monson: "Algumas pessoas dinâmicas agem passando por cima de outros, especialmente se o outro for alguém 'sem importância'. O Presidente Monson é certamente uma pessoa dinâmica, mas nunca de forma insensível. Ele sempre foi extraordinariamente atencioso e gentil para comigo".

Robert H. Bischoff, amigo de longa data e companheiro do Presidente Monson em uma série de contribuições cívicas tanto à Cidade do Lago Salgado quanto ao estado de Utah, observou recentemente: "Durante uma carreira de 50 anos de trabalho, a pessoa mais inesquecível que conheci foi o Presidente Thomas S. Monson. Em um período de 25 anos nos encontramos centenas de vezes nas mais diferentes circunstâncias—em reuniões do conselho de diretores, reuniões de comitês, casamentos, funerais, eventos esportivos, eventos cívicos, jantares particulares e em visitas pessoais. Em cada ocasião, todas as pessoas presentes sentem o calor da personalidade do Presidente Monson. Ele tem o grande dom de ser natural e amigável em qualquer lugar, de modo que todos os presentes sentem-se à vontade. Sua mente penetrante, seu julgamento impecável e sua memória fotográfica fazem com que as pessoas peçam sua opinião em muitos assuntos. Sua reputação vai além da Igreja SUD e é altamente respeitada, tanto nacional como internacionalmente, por todos os que têm contato com ele".

Alguém que, a seu próprio modo, se iguala ao Presidente Monson em devoção total e lealdade inflexível à Igreja, à família e aos amigos, é sua amada esposa, Frances Johnson Monson. Síster Monson é calma e despretensiosa, mas sem ela certamente não teríamos o Thomas Monson que a Igreja conhece e admira. Devido aos chamados do Presidente Monson, desde o início de seu casamento—a partir daquele primeiro chamado de secretário adjunto da ala até o chamado atual na Primeira Presidência—Síster Monson quase nunca se sentou ao lado do marido em 45 anos de reuniões da Igreja. "Mas ela nunca reclamou", diz o Presidente Monson com convicção. "Nem uma única vez. Jamais em nossa vida de casados ela fez algo para me afastar de qualquer aspecto de meu serviço. Frances só me deu apoio e incentivo".

Ann Monson Dibb, filha do Presidente e da Síster Monson, recentemente disse o seguinte a respeito da mãe: "Enquanto crescíamos, as responsabilidades de meu pai como membro do Conselho dos Doze levava-o freqüentemente para longe de casa. Muitas vezes meu pai visitava missões pelo mundo, ficando fora cinco ou seis semanas por vez. Mamãe nos ensinava que ele estava cumprindo seu dever e que estaríamos sendo cuidadas e protegidas sempre que ele estivesse fora. Ela nos comunicava essa mensagem não apenas com palavras, mas com seu jeito tranqüilo de fazer com que tudo o que precisava ser feito fosse sempre terminado.

Minha mãe é diferente de muitas mulheres da geração atual. Em vez de buscar o reconhecimento do mundo, ela sempre recebia a confirmação de seu valor por meio de coisas como um sorriso alegre de um filho ou a mão estendida de um neto. O Presidente Wilford Woodruff disse certa vez que a mãe tem mais influência sobre sua posteridade do que qualquer outra pessoa, e sua influência é sentida na vida mortal e na eternidade. Sou grata por minha mãe, grata por sua influência e oro para ser sempre digna do seu amor. Ao ponderar as muitas bênçãos que tenho recebido como filha de um

Apóstolo do Senhor, a que tem mais significado para mim é a bênção e a dádiva da mulher com quem ele se casou, minha mãe".

Enquanto cumpria uma designação na Escandinávia há alguns anos, o Presidente Monson ouviu falar de John Helander, um deficiente de 26 anos de idade. John assistia a uma conferência de jovens em Kungsbacka, Suécia, e decidiu participar de uma corrida de 1.500 metros. Não tinha possibilidades de vencer e tinha poucas possibilidades de completar a corrida, mas alinhou-se com os concorrentes e começou a correr.

Desde que o revólver soou indicando a partida, era óbvio que John estava em dificuldade. Os corredores dispararam passando pelo rapaz, enquanto ele parecia estar pregado no chão. Havia apenas completado a primeira volta quando todos os participantes passaram por ele, completando a segunda. E assim a corrida prosseguiu, com o vencedor sendo anunciado enquanto John estava quase na metade da distância estipulada.

"Talvez todos tenham pensado que quando a corrida terminasse", conta o Presidente Monson, "John sairia discretamente da pista e desapareceria, mas claramente John não tinha essa intenção." Ele simplesmente continuou a correr. Sua velocidade era mínima. Sua fadiga, imensa. Sua nobre determinação, porém, era evidente até para o mais cético dos espectadores. Ninguém se mexeu do lugar. Era óbvio que a corrida—*a* corrida—estava ainda sendo disputada.

No momento em que John Helander completou os 1.500 metros, muito depois dos outros concorrentes haverem cruzado a linha de chegada, o estádio inteiro virou um pandemônio. O barulho da multidão era ensurdecedor. O cambaleante, vacilante, exausto, porém vitorioso John Helander, rompera a fita, novamente estirada para esse campeão. Determinação, coragem, devoção, fé—dê o nome que desejar—haviam arrebatado a glória.

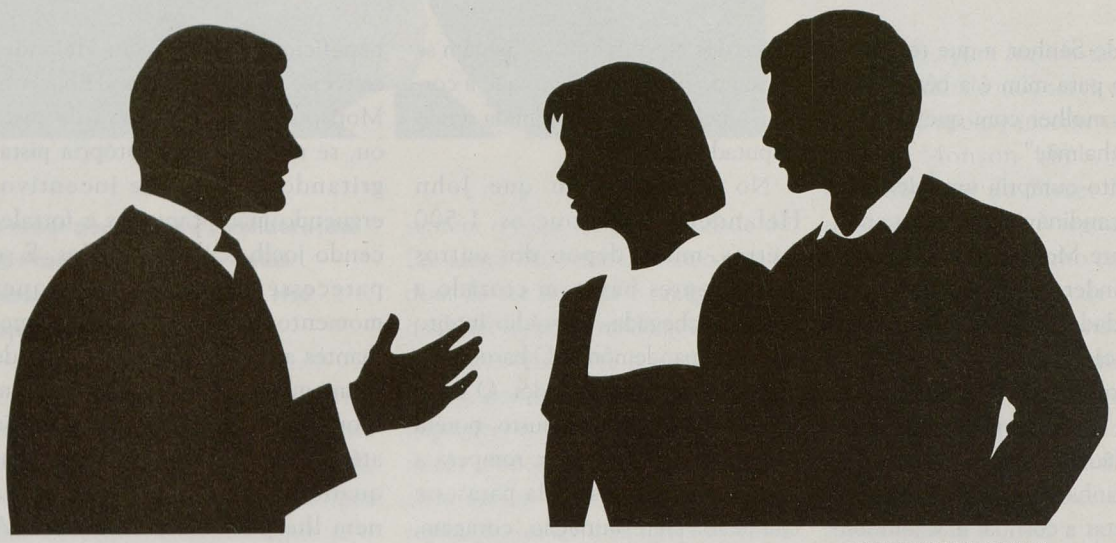
Essa é uma das histórias favoritas do Presidente Monson. Talvez ela o faça lembrar-se de seu pai, que terminava todo trabalho que começava. Ou de sua mãe, que sempre ajudava generosamente as pessoas famintas que batiam à sua porta, embora não houvesse muita coisa que recomendasse essas pessoas. O filho puxou aos pais. A vida do Presidente Thomas S. Monson tem sido dedicada a ajudar as pessoas a terem sucesso espiritual e material. Cada John Helander que ele conheceu foi estimulado pelo Presidente Monson. Ele conhece um pouco do início humilde dessas pessoas e sabe muito a respeito do que a vida não lhes concedeu—mais razão para que seu amor, sua lealdade e sua natureza vigorosa cheguem até a desgastar-se em benefício delas. Se John Helander estivesse correndo hoje, Thomas S. Monson estaria na curva da pista ou, se necessário, na própria pista, gritando palavras de incentivo, erguendo mãos cansadas e fortalecendo joelhos enfraquecidos. E se parecesse que, em qualquer momento, John e as legiões semelhantes a ele não fossem capazes de terminar a corrida, o vigoroso Tom Monson simplesmente os carregaria até a vitória. Não haveria dúvidas quanto ao sucesso. Uma derrota nem lhe passaria pela mente. A vitória em Cristo estaria assegurada com Thomas S. Monson rumando em direção à linha de chegada.

Este homem, a quem apoiamos na nova Primeira Presidência da Igreja, é um acabador, um vencedor, um amigo de todos a quem já conheceu. É o homem que o falecido Élder Bruce R. McConkie, do Quórum dos Doze, chamou de "um gênio na administração da Igreja". Mas ele é também o homem cujo maior talento pode ser, de acordo com sua filha, o de "preparar recordações para os netos". Este é um homem que aparentemente faz de tudo—e o faz até o fim.

Quando estiver diante do Salvador do mundo e contemplar aquele olhar que sempre apreciou em seu quadro predileto, certamente o Presidente Thomas S. Monson poderá dizer: "Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé" (II Timóteo 4:7). □

AO ENSINAR ADOLESCENTES

Debra Lacy



ILUSTRADO POR DAVE MCDONALD

Após muitos anos como professora, aprendi algumas técnicas eficazes para ensinar adolescentes em reuniões da Igreja.

A coisa mais importante que aprendi foi a necessidade de procurar o Espírito. Além de precisar de ajuda a fim de entender os princípios básicos do evangelho, os jovens também precisam compreender como a Restauração se aplica a eles. O Espírito Santo pode prover essa ajuda. Se o Espírito está presente, ele exerce uma influência tranqüilizadora e motivadora nos membros da classe.

Percebi que os adolescentes querem ser notados; por isso eu os olho diretamente nos olhos e mostro respeito ao chamá-los pelo nome. Também percebi que, se explico os objetivos e a importância da lição, os alunos tornam-se mais dispostos a prestar atenção e a refletir a respeito do assunto tratado na aula.

O contato visual com aqueles que começam a perturbar a aula é uma das maneiras de eliminar um problema antes que ele aconteça. Também gosto de andar pela sala ao ensinar—os jovens geralmente se comportam bem quando o professor está perto. Até mesmo colocar a mão no ombro de um membro irrequieto da classe pode ajudar a manter um ambiente propício ao aprendizado. Ao ser tratado com respeito e confiança, o jovem geralmente reage com o mesmo espírito.

Eu gosto de manter a classe ocupada, lendo, debatendo ou representando uma situação. A diversidade de técnicas torna o processo de aprender—e ensinar—entusiasmante.

Ao término de cada aula, eu faço uma auto-avaliação. Identifico áreas onde preciso melhorar e anoto as idéias que funcionaram bem. Baseando-me em experiências passadas, aprendo a criar uma atmosfera de entusiasmo pelos tópicos do evangelho. □

SEÇÃO INFANTIL

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • OUTUBRO DE 1994

OS SUSSURROS DO ESPÍRITO

Élder Richard G. Scott
Quórum dos Doze Apóstolos

Há alguns anos, durante as férias de verão, empreguei-me num barco de pesca de ostras em Long Island Sound. Vivíamos em quatro num espaço não muito maior que a cabina de um "trailer". A princípio tinham-me como espião do proprietário, depois como um rapaz sem coragem de "viver como homem". Passei maus bocados nas mãos deles. Finalmente, quando viram que eu não abandonaria meus princípios para provar que era homem, deixaram-me em paz e tornamo-nos amigos. Depois, em particular, um por um pediu-me ajuda.

Vocês sabem o que é certo e o que é errado. Tomem a iniciativa de agir corretamente. Pode ser que a princípio as pessoas não entendam vocês. Talvez não consigam de pronto os amigos que desejam, mas com o passar do tempo, eles irão respeitá-los, depois admirá-los. Muitos procurarão vocês em particular para receber forças de sua chama espiritual. Vocês podem fazê-lo. Eu sei que sim.

Já devem ter observado alguns de seus amigos tentando parecer aos pais e líderes da Igreja que estão agindo corretamente, mas secretamente fazem o contrário. Talvez tenham momentos de diversão que consideram prazer, mas nunca se sentem em paz ou verdadeiramente felizes. Quando vocês guardam os mandamentos do Senhor, podem ser felizes e ter paz, e o Espírito Santo torna-se seu companheiro.

Estando a sós com seus amigos, conversem sobre como

ILUSTRADO POR ROBERT MCKAY

fazer o bem e ser bons. Poderão receber inspiração do Senhor para saber o que fazer. Irão ser motivados, pelo que vão sentir e pelos sussurros do Espírito, a fazer o bem. Os que agem mal e procuram safar-se jamais terão esses sentimentos. Se não se sentirem à vontade para falar de coisas boas com seus amigos, eles não são seus amigos. Troquem de amigos.

Alguns de vocês, ao ler esta mensagem, talvez tenham sido inspirados pelo Espírito a fazer algo que o Senhor deseja. Esses sentimentos são uma mensagem pessoal do Senhor para cada um. Sigam-na da melhor maneira possível, agora, para sua felicidade. □

(Adaptado de um discurso da conferência geral de abril de 1989.)

FICÇÃO

O CONVÊNI

Steve Iverson

Com o dedo na folhinha que mostrava animais do zoológico, Carla mais uma vez contou os dias que faltavam para seu batismo. Era domingo e dali a sete dias ela iria completar oito anos de idade—idade suficiente para ser batizada.

Aquele também era um dia muito importante e talvez um pouco assustador, porque ela teria a entrevista do batismo com o presidente do ramo. O Presidente Bernardes era um homem amável, mas Carla temia que ele lhe desse um teste sobre as Regras de Fé ou sobre os Dez Mandamentos, ou algo parecido.

"Carla," chamou a mãe, "é hora de levantar. Não se esqueça de que a entrevista será logo depois da reunião sacramental."

Carla ajoelhou-se ao lado da cama. Durante a prece, uma cálida sensação apoderou-se dela e sentiu que tudo sairia bem. Lembrou-se de que era o tipo de paz que irmã Cora, sua professora na classe de CTR—A, dissera que ela receberia por meio do Espírito Santo.

"Saia do meu caminho," resmungou Natanael mais tarde, empurrando a irmã ao entrar no banheiro.

Ora! pensou ela. *Espero que ele não fique rabugento o dia todo.*

Mas Natanael ainda estava carrancudo quando ele, Carla, a mãe e o pai saíram para a Igreja.

"Bom dia, Carla. A grande data já é na próxima semana, não é?" Carla sentiu um braço familiar em seu ombro. Era irmã Cora que a abraçava. "A entrevista com o Presidente Bernardes é hoje, não é? Você está pronta para o batismo—sei que está."

Irmã Cora sempre fez com que

ILUSTRADO POR JULIE YOUNG

O DE CARLA

Carla se sentisse especial, mas aquela sensação agradável desapareceu quando viu Natanael indo em sua direção—ele ainda estava carrancudo.

Foi então que o Presidente Bernardes saiu da capela. "Vamos conversar logo depois da reunião, não é, Carla?" disse ele com um caloroso sorriso.

Carla assentiu e devolveu o sorriso. *"Talvez tenhamos uma boa conversa"*, pensou ela.

Então o Presidente Bernardes sorriu para Natanael. Natan, porém, não devolveu o sorriso—estava sendo um rabugento persistente naquele dia. O presidente do ramo disse simplesmente: "Natan, lembra-se?"

Milagres realmente acontecem, pensou Carla ao ver Natanael começar a sorrir e dar um grande sorriso para o Presidente Bernardes!

"Eu me lembro." O sorriso de Natanael tornou-se maior e não se apagou enquanto ele se afastava vagarosamente.

"Vi um milagre?" ficou pensando Carla. *E de que é que Natan se lembrava?*

Durante a reunião sacramental, Carla olhou para Judy. Carla pensou que ela sempre parecia um tanto triste. Mas agora, ao levantar os olhos do hinário, Judy abrira-se num sorriso! Seguindo o olhar da outra, Carla viu o Presidente Bernardes sorrindo para Judy lá do púlpito.

"Como ele consegue fazer com que Natan e Judy sorriam, quando ninguém mais consegue?" Carla perguntou a si mesma.

Logo a reunião terminou e os membros do ramo começaram a conversar no saguão.

"Carla." Ela sentiu um toque leve no ombro. "Você está pronta para a nossa entrevista?"

Fazendo que sim com a cabeça, seguiu o presidente do ramo ao seu escritório.

"Estou muito contente de poder conversar com você sobre seu batismo", disse-lhe o Presidente Bernardes. "Poderíamos começar com uma oração?"

Quando terminou a oração, ele abriu as escrituras e perguntou: "Lembra-se de quando o Profeta Abinádi tentou ensinar o rei Noé a respeito de Deus? A única pessoa na corte do rei que acreditou em Abinádi foi Alma. Depois da conversão de Alma, ele reuniu outros e ensinou-lhes o evangelho. Ele disse que para o povo estar pronto para o batismo, precisaria 'chorar com os que choram, confortar os que necessitam de conforto e servir de testemunha de Deus em qualquer tempo, em todas as coisas e em qualquer lugar'" (Mosiah 18:9).

Ao conversarem sobre o que Alma escrevera, Carla sentiu-se contente por Irmã Cora ter falado sobre tudo aquilo na aula.

Quando o Presidente Bernardes perguntou a Carla se estaria disposta a fazer o que Alma dissera, ela respondeu que sim, de todo o coração.

"Os versículos seguintes falam sobre um convênio que o povo que ia ser batizado fez com Deus. Você sabe o que é um convênio?" perguntou o Presidente Bernardes.

Convênio? Oh, não! Este é o teste e não consigo lembrar-me do que é! "Bem, uh, não me lembro", foi tudo que conseguiu murmurar.

"Não tem importância, Carla. Muita gente não sabe. Convênio é um acordo ou promessa entre duas pessoas. Elas concordam, ou seja, fazem convênio de que enquanto uma delas fizer o que foi estabelecido entre as duas, a outra estará obrigada a fazer o que prometeu. Alma falou sobre o batismo como sendo um convênio entre nós e Deus. Se concordarmos em ser batizados e em nos lembrar sempre do Salvador e em guardar Seus mandamentos, Ele concordará em enviar-nos Seu Espírito para estar sempre conosco. Você compreende isso?"

"Acho que sim, mais ou menos."

O presidente do ramo sorriu. "Talvez seja mais fácil de compreender se você e eu fizermos um acordo simples, está bem? Este é nosso acordo: Sempre que nos encontrarmos, seja aqui na Igreja ou em algum outro lugar, prometo que sorrirei para você, mesmo que não me sinta feliz. Mas se eu fizer isso, você terá que prometer que devolverá o sorriso, mesmo que não sinta vontade de sorrir. Acha que podemos fazer esse acordo?"

"Acho que posso fazer isso."

"Ótimo. Agora, como símbolo de nosso acordo sobre sorrisos, vamos apertar as mãos." A pequenina mão dela desapareceu na dele, mas a sensação foi de cordialidade e firmeza, não de medo.

"Agora, assim como nosso aperto de mão foi um símbolo de nosso acordo, seu batismo será um símbolo do convênio—um acordo muito sagrado—que você está fazendo com Deus. Ele irá enviar-lhe o Seu Espírito se você tomar sobre si o nome de Jesus Cristo, sendo batizada e lembrando-se Dele e obedecendo a Seus mandamentos. As orações sacramentais irão ajudá-la a lembrar-se deste convênio sagrado que está fazendo com o Pai Celestial. Entendeu melhor agora?"

"Entendi, Presidente Bernardes", sorriu Carla.

"Acho que está preparada para o batismo, Carla. Diga a seus pais que gostaria de conversar com eles sobre a preparação da reunião batismal."

Ela levantou-se para sair, mas voltou-se para ele com um sorriso. "Presidente Bernardes, fez o acordo do sorriso com as outras crianças que foram batizadas?"

"Fiz. Todas as pessoas—mesmo os adultos—que foram batizadas em nosso ramo desde que sou o presidente, fizeram o mesmo acordo comigo. Acho que ajuda todos a compreenderem melhor o que é um convênio e toda vez que sorrimos um para o outro lembramo-nos de quão sagrado é nosso convênio batismal. O sorriso deles mostra que estão felizes de ter feito convênios com o Pai Celestial. Você não concorda?"

Lembrando-se de Natanael e Judy, Carla achou que sim. Ela sorriu e saiu correndo para procurar os pais. □

TEMPO DE COMPARTILHAR

SOU UM PACIFICADOR

Judy Edwards

"Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus" (Mateus 5:9).

O que você faria se seu pai ou sua mãe pedisse, em segredo, que você fosse um pacificador por 24 horas? Foi isso o que aconteceu recentemente a várias crianças. Aqui está o que cada uma delas respondeu sobre o que significa ser um pacificador.

Jeffrey, 7 anos: "Ser um pacificador é fazer outras pessoas felizes e parar de brigar. Gostaria que fizéssemos isso mais freqüentemente, porque todas as vezes que eu sentia vontade de ser desagradável, pensava no que Jesus faria".

Christian, 6 anos: "Ajudei minha irmã com a metade de sua tarefa. Ela ficou surpresa. Ela disse obrigado. Eu separei uma briga na escola. Disse-lhes que parassem de brigar e se comportassem."

Katie, 10 anos: "Ser um pacificador é mais difícil do que pensei que seria. Minha mãe me mandou praticar. Eu não queria fazê-lo, mas fiquei calma em vez de ficar aborrecida. Ser pacificador traz felicidade a todos, mas é difícil".

Jeff, 10 anos: "Quando minha mãe me pediu que fosse um pacificador, eu disse que me esforçaria. Pedi a ela que fizesse uma oração comigo para que eu tivesse a ajuda do Senhor. Foi ótimo. Não causei nenhum problema na escola. Sinto-me muito bem. Quero tentar novamente amanhã.

"Rosemary, 10 anos: "Quando a família é muito grande, é necessário haver muita cooperação e um espírito pacificador, e eu estou muito feliz por ter esta oportunidade. Aprendi que é fazer coisas gentis e ajudar outras pessoas a sentirem paz. Eu também senti paz".

Rebecca, 9 anos: "Nossa família estava passeando de carro quando percebi que meus pais estavam aborrecidos um com o outro. Comecei a cantar "As Famílias Poderão Ser Eternas" (A Liahona, Seção Infantil, março de 1993, p. 8). Em pouco tempo eles estavam sorrindo para mim e as coisas se ajeitaram".

Jamie, 8 anos: "Quando meus irmãos brigaram para decidir quem era o primeiro em alguma coisa, eu os ajudei dizendo que os dois poderiam ser os primeiros. Como eu sabia que era o pacificador, falei com eles com voz calma ao invés de gritar. Senti-me bem".

Mary Jane, 11 anos: "Ser um pacificador significa dar um bom exemplo e tentar separar brigas ao invés de começá-las. Hoje não foi muito diferente porque eu tento ser um pacificador todos os dias".

Instruções

Você pode tentar ser um pacificador por 24 horas! Na próxima página, escreva os seus esforços pacificadores; depois, escreva-os no seu Livro da Paz.

Idéias para o Tempo de Compartilhar

1. Se elas quiserem, peça às crianças que foram pacificadoras que compartilhem suas experiências.

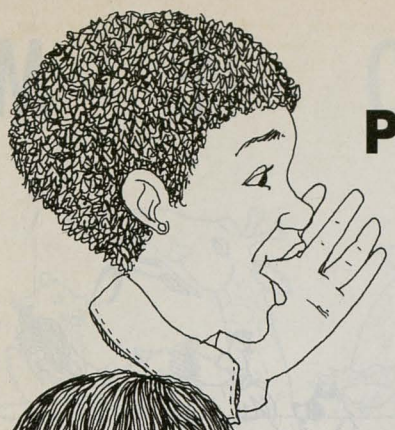
2. Conte algumas histórias de pacificadores conhecidos e peça que cada classe represente uma delas para as outras crianças adivinharem. Exemplos: Abraão (Ver Gênesis 13:5–12), Rei Benjamim (Ver Mosiah 4:11–15), Melquisedeque (Ver Alma 13:17–18), lamanitas justos (Ver Alma 24:17–19), Joseph Smith (Ver manual dos Valorosos B, *histórias 3,5,6 — páginas 53–54), John Taylor (Ver manual dos* Valorosos B, *páginas 152–153), Jacob Hamblin (Ver manual dos* Valorosos B, *páginas 137–141).*

3. Peça que cada classe debata situações em que as crianças possam ser pacificadoras; depois peça que façam um relatório para as outras crianças. (Ver exemplos no manual dos CTR A, *páginas 87–88.)*

*4. Cante a quarta estrofe do hino "O Amor do Salvador" (*A Liahona, *Seção Infantil, março de 1994, p. 6) e debata com as crianças como compartilhar, servir e dar fazem parte de ser um pacificador.*

*5. Pacificadores são chamados de filhos de Deus. Debata em que maneiras os pacificadores são semelhantes ao Pai Celestial e a Jesus Cristo. Peça que as crianças leiam Isaías 9:6 (2 Néfi 19:6), a fim de descobrir quem é chamado de Príncipe da Paz. Cante "Eu Quero Ser Como Cristo" (*A Liahona, *Seção Infantil, abril 1990, páginas 6–7).* □

ILUSTRADO POR SHAUNA MOONEY KAWASAKI



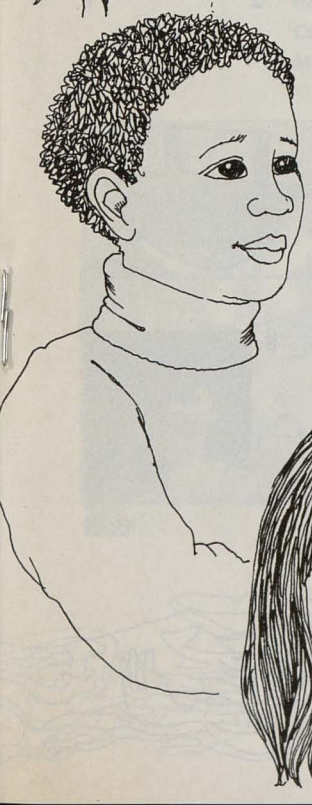
Página do Pacificador

**"Bem-aventurados os pacificadores,
porque eles serão chamados filhos de Deus"
(Mateus 5:9).**

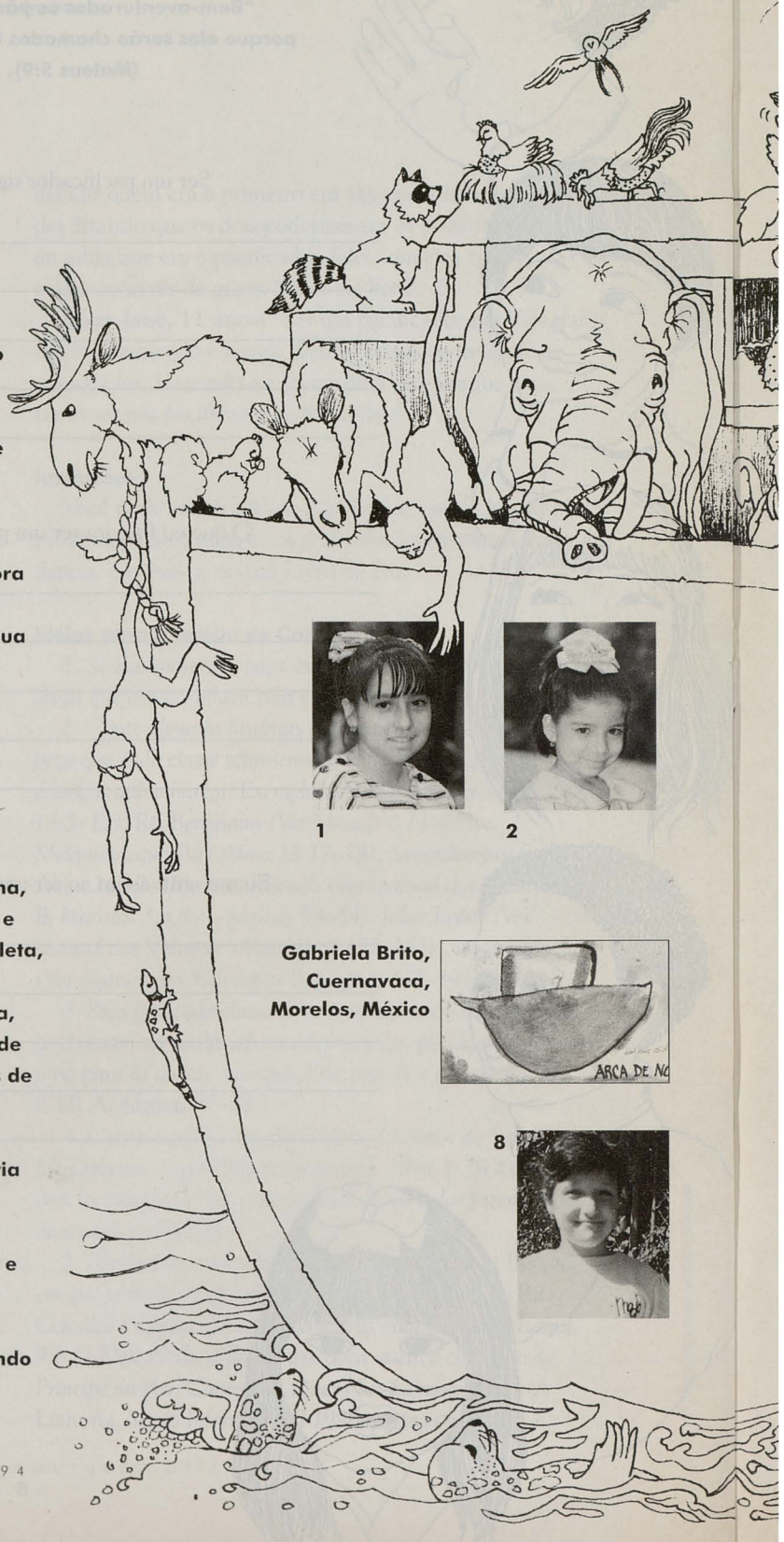
Ser um pacificador significa:

O que eu fiz para ser um pacificador:

Eu me senti assim ao ser um pacificador:



AMIGOS EM



1. *Yésica Belén Martínez Hernández,* 10 anos, Cuernavaca, Morelos, México, gosta de fazer discurso e ler as escrituras na Primária, porque isso a ajuda a aprender e entender mais sobre Jesus.

2. *Areli Eunice Martínez Hernández,* 4, Cuernavaca, Morelos, México, espera ansiosamente as noites familiares—especialmente quando tem uma designação. Ela ama seus professores da Primária.

3. *Angel R. Almada,* 12, Carolina, Porto Rico, adora desenhar e escrever no seu diário. Ele está aprendendo a falar inglês e gosta de brincar com sua família.

4. *Yaritza Michell Colón,* 10, Carolina, Porto Rico, gosta de desenhar e de fazer trabalhos manuais, especialmente bonecas.

5. *Axel J. Colón,* 7, Carolina, Porto Rico, gosta de andar de bicicleta, de jogos de computador, levantamento de peso e basquetebol.

6. *Tabea Schwing,* 11, Donaueschingen, Alemanha, gosta de ir à Primária e da reunião de testemunho e jejum. Seus passatempos são pintar, andar de bicicleta, andar de patins e ler.

7. *Georg Schwing,* 9, Donaueschingen, Alemanha, tem uma escritura preferida—1 Néfi 3:7. Ele gosta de futebol, jogos de computador, luta romana e carros de corrida.

8. *Christina Gezova,* 7, Sofia, Bulgária, gosta de brincar com seus amigos e adora cantar. Ela gostaria de ser cantora de ópera algum dia.

9. As crianças da *Primária de Barrio Palmas* em Cuernavaca, Morelos, México, mandam o seu amor e cumprimentos às crianças de todo o mundo.

10. *Roberto Domíngues Maldonado,* Ciudad del Carmen, México, foi o melhor aluno da cidade quando estava na quinta série. Roberto leu todo o Livro de Mórmon.

1

2

Gabriela Brito, Cuernavaca, Morelos, México

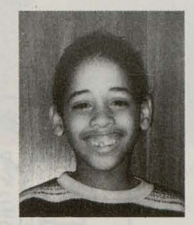
8

NOTÍCIA

3

Romy Yaneli,
Cuernavaca,
Morelos, México

4

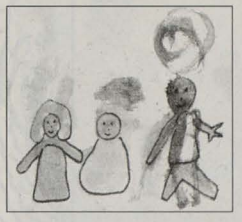


5

6

7

9



Ashley Vince
Casillas,
Cuernavaca,
Morelos, México

10

ILUSTRADO POR DENISE KIRBY

ILUSTRADO POR SHAUNA MOONEY KAWASAKI

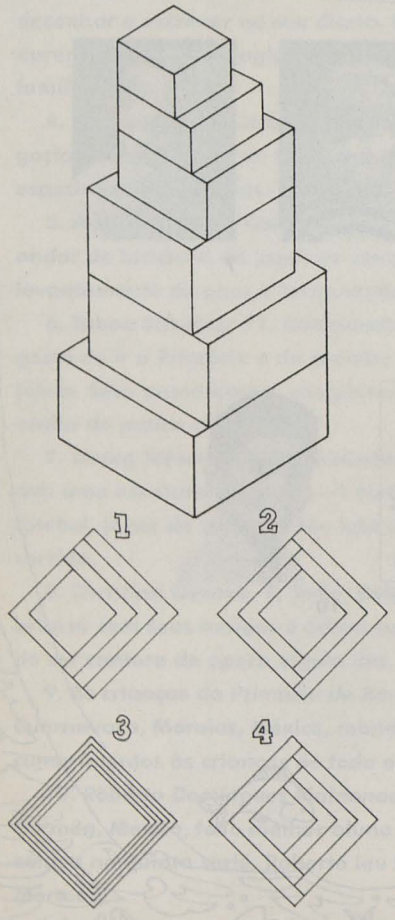
BOLA BOBA

1. Use uma bola macia e pequena, ou amasse um pedaço de papel para formar uma bola.
2. Jogue a bola para alguém. Quem pegar a bola deverá fazer uma careta. Então todos os outros jogadores farão a mesma careta.
3. O jogador que pegou a bola, joga-a para outra pessoa e o passo dois se repete.

QUAL É O CERTO?

Rich Latta

Olhando-se de cima, qual das figuras corresponde aos blocos empilhados?



DESENHOS ESCONDIDOS

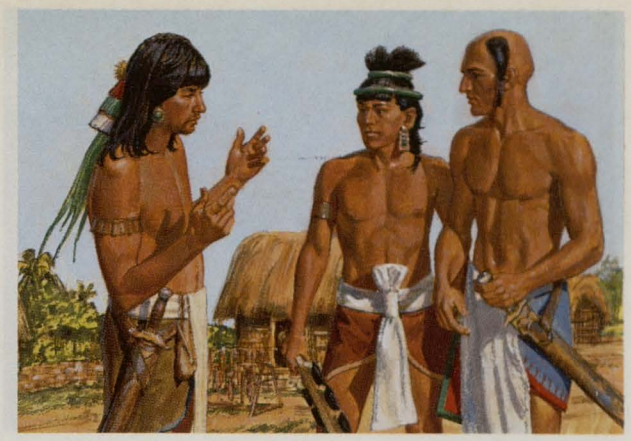
Roberta L. Fairall

O amigo Urso tira as meias todos os dias para entrar no lago. Na pressa, ele perdeu cinco pares de meias e os sapatos. Se você ajudá-lo a encontrar e combinar as dez meias e depois achar os seus sapatos, ele promete que será mais cuidadoso da próxima vez.

RESPOSTA: *Qual é o certo? 4*

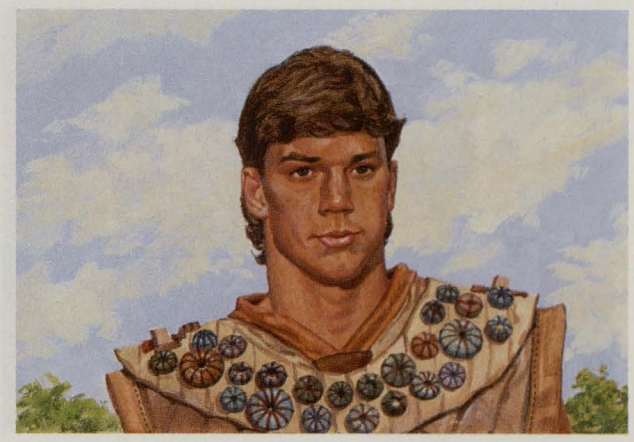
HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON

O Capitão Morôni derrota Zerahemnah



Zerahemnah, o líder dos lamanitas, queria que eles continuassem a odiar os nefitas e a escravizá-los.
Alma 43:5–8

Os nefitas queriam manter livres sua terra e suas famílias e também queriam ter o direito de adorar a Deus da maneira que desejavam.
Alma 43:9



O Capitão Morôni era o líder dos exércitos nefitas. Quando os lamanitas atacaram os nefitas, Morôni e seus exércitos saíram ao seu encontro na terra de Jershon, embora não desejassem lutar. Alma 43:15–16

O Capitão Morôni preparou seu exército com muitas armas de guerra, com escudos, armadura e roupas de tecido grosso.
Alma 43:18–19

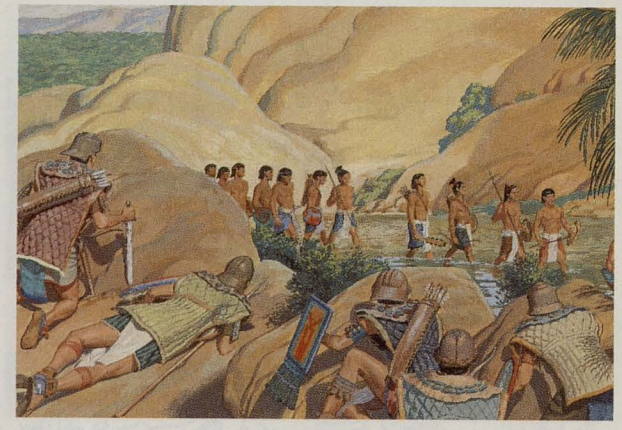
Os lamanitas tinham um exército maior, mas usavam poucas roupas. Ficaram com medo quando viram as armaduras dos nefitas.
Alma 43:20–21

ILUSTRADO POR JERRY THOMPSON

O exército lamanita não ousou lutar contra o exército do Capitão Morôni. Eles fugiram para o deserto para atacar outra cidade nefita.
Alma 43:22

Morôni enviou espiões para observar os lamanitas. Também disse a Alma que pedisse ajuda ao Senhor. O Senhor revelou onde os lamanitas atacariam.
Alma 43:23–24

Quando Morôni recebeu a mensagem de Alma, deixou alguns soldados para guardar a cidade de Jershon e marchou com os outros para encontrar os lamanitas.
Alma 43:25

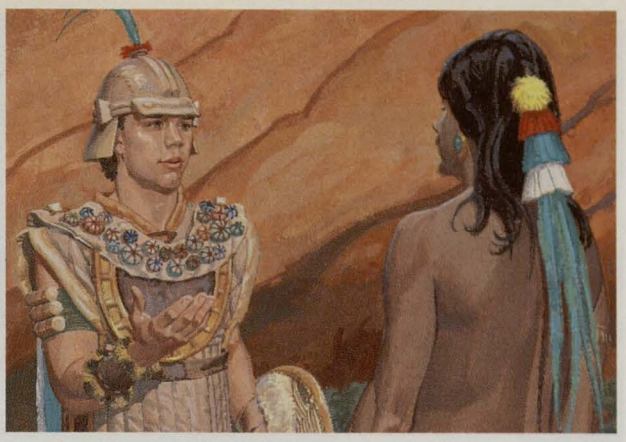


Os soldados do Capitão Morôni esconderam-se nas margens do rio Sidon e esperaram o exército lamanita com uma armadilha quando ele chegou ao rio.
Alma 43:27, 31–35

A batalha começou. Os lamanitas tentaram fugir pelo rio, mas havia mais nefitas do outro lado do rio.
Alma 43:36, 39–41

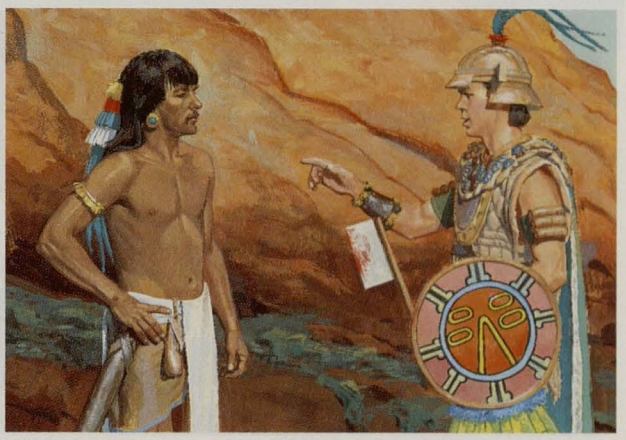
Zerahemnah e seu exército lutaram com mais vigor e mataram muitos nefitas. Os nefitas oraram ao Senhor pedindo ajuda.
Alma 43:43–44, 49

O Senhor abençoou os nefitas com poder. Eles cercaram os lamanitas e Morôni ordenou que a luta parasse.
Alma 43:50–54



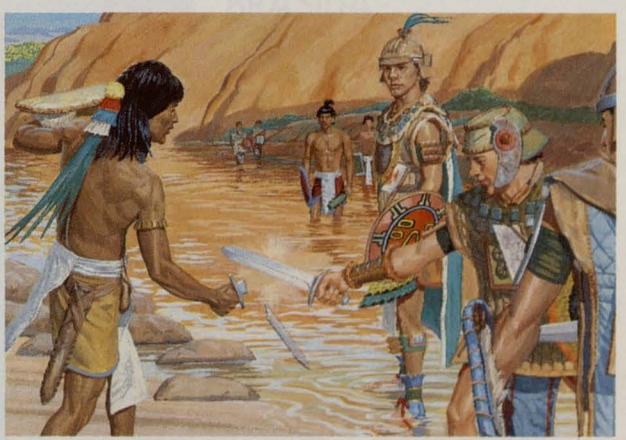
Morôni disse a Zerahemnah que os nefitas não queriam matar os lamanitas ou escravizá-los e que o Senhor tinha ajudado os nefitas.
Alma 44:1–3

Ele disse que os lamanitas não poderiam destruir a fé que os nefitas tinham em Jesus Cristo e que Deus continuaria a ajudá-los enquanto eles fossem fiéis.
Alma 44:4



Ordenando que Zerahemnah entregasse as armas, Morôni disse que os lamanitas não seriam mortos se prometessem nunca mais guerrear contra os nefitas.
Alma 44:5–6

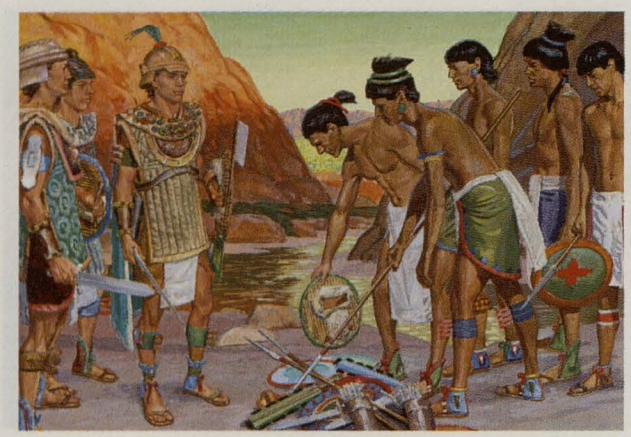
Zerahemnah deu a Morôni suas armas mas não quis prometer que nunca mais lutaria. Morôni devolveu as armas para que eles pudessem defender-se.
Alma 44:8, 10



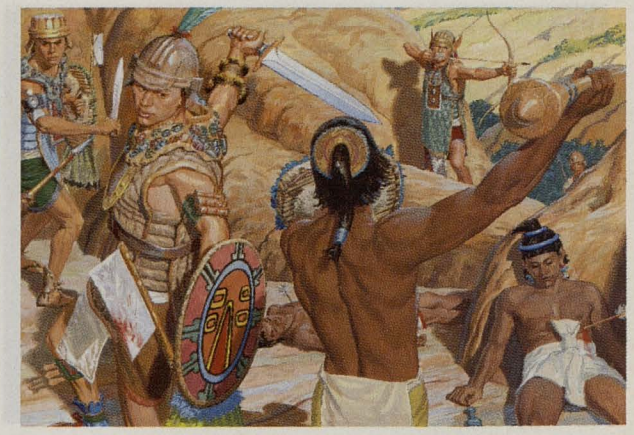
Zerahemnah investiu contra Morôni para matá-lo, mas um soldado nefita golpeou e quebrou a espada de Zerahemnah.
Alma 44:12

O soldado cortou o couro cabeludo de Zerahemnah e colocou-o na ponta da sua espada, levantando-o, enquanto Zerahemnah voltava ao exército.
Alma 44:13

O soldado disse que os lamanitas cairiam por terra da mesma maneira que o escalpo de Zerahemnah, a menos que entregassem suas armas e prometessem entrar em um acordo de paz. Alma 44:14

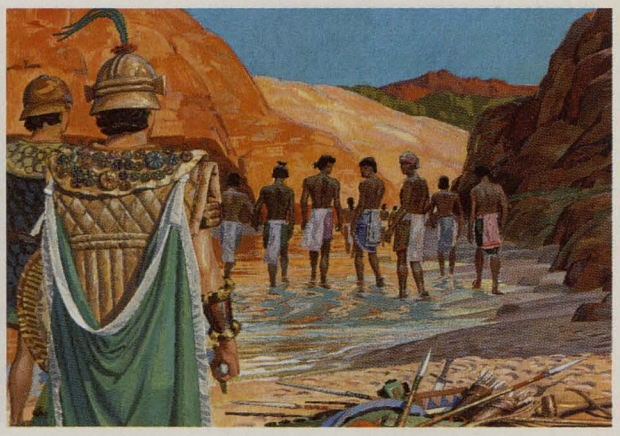


Muitos lamanitas lançaram suas armas aos pés de Morôni e prometeram que não voltariam a lutar. Morôni permitiu que eles se fossem em liberdade.
Alma 44:15



Furioso, Zerahemnah instigou o resto de seus soldados a lutar novamente, mas os soldados de Morôni mataram muitos deles.
Alma 44:16–18

Quando Zerahemnah percebeu que ele e todos os seus homens seriam mortos, suplicou a Morôni que os poupasse e prometeu que nunca mais voltaria a guerrear os nefitas.
Alma 44:19



Morôni parou a luta e pegou as armas dos lamanitas. Depois que fizeram um acordo de paz, os lamanitas partiram e os nefitas voltaram para casa.
Alma 44:20, 23

Cuidar de Nosso Crescimento Espiritual: Um Exercício para Toda a Vida

Nas proximidades do mar da Galiléia, o Salvador alimentou uma multidão com cinco pães e dois pequenos peixes. No dia seguinte, algumas das pessoas que haviam testemunhado o milagre procuraram o Salvador em Cafarnaum. Ele percebeu que o haviam procurado não porque o milagre atendera a suas necessidades espirituais, mas porque o pão havia saciado sua fome física. Disse-lhes então: "Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna" (João 6:27).

Despendemos muito tempo e energia trabalhando pela comida e por outros meios de suprirmos a vida física. As palavras de Jesus fazem-nos lembrar de que, para suprirmos a vida espiritual, também precisamos trabalhar. É uma tarefa que requer planejamento, treino e perseverança. E para todas nós, individualmente, é um exercício para toda a vida.

FAÇA UM PLANO ADEQUADO PARA VOCÊ

A maioria dos grandes trabalhos começa com planejamento. Por meio de esforço pessoal e oração, todas podemos descobrir maneiras de cuidar de nosso crescimento espiritual, de acordo com as circunstâncias em que vivemos.

A Irmã Sharlene Aland, de Sacramento, Estado da Califórnia, divide o tempo entre um trabalho que exige muito de si, os chamados da Igreja e os cuidados com a irmã que sofre de uma doença crônica.

ILUSTRADO POR LORI WING

"Eu nunca conseguia encontrar tempo para ler as revistas da Igreja e fazer outras coisas que desejava", comenta. Então, o presidente da estaca desafiou todos os membros a realizarem a noite familiar às segundas-feiras. "Percebi que mesmo morando sozinha, precisava dar a mim mesma as oportunidades de crescimento espiritual que daria a minha família". A partir daí, a Irmã Aland passou a dedicar pelo menos uma hora, todas as segundas-feiras, ao seu crescimento espiritual. "Esse momento é sagrado. Algumas vezes, leio as revistas e livros da Igreja. Outras, trabalho no armazenamento ou assisto a vídeos da Igreja. Dessa maneira, encontrei o tempo que sempre procurei para mim".

• *O que você pode fazer a fim de ter algum tempo para dedicar a seu crescimento espiritual?*

EXERCITE E PERSEVERE

Cuidar do crescimento espiritual é um processo constante. Muitas vezes temos experiências espirituais ao orarmos e lermos as escrituras, mas é preciso um esforço contínuo para mantermos o crescimento espiritual.

Uma maneira de revitalizarmos a espiritualidade é prestar serviço altruísta. Ao mesmo tempo, a pessoa que receber a ajuda também será fortalecida espiritualmente. Uma jovem mãe de Bountiful, Estado de Utah, conta de que maneira a sensibilidade espiritual de uma bondosa irmã da ala ajudou-a durante uma época muito difícil. "Quando minhas gêmeas nasceram, não sabia o que seria de mim. Já tinha três crianças pequenas—uma delas, de dez anos, com problemas físicos e mentais. Como meu marido passava quase toda a semana fora, a trabalho, amigas gentis socorreram-me durante vários dias e noites. Mas, certo dia, uma irmã querida chegou em casa às 6h30 da manhã. Ficou durante várias horas—tempo suficiente para ajudar-me a cuidar dos bebês, colocar a casa em ordem e arrumar as outras crianças. Continuou a fazer isso todos os dias, durante quatro meses. Não sei como teria sobrevivido sem ela".

O Presidente Spencer W. Kimball disse: "Onde quer que as mulheres estejam (. . .) magnificando as oportunidades de prestar serviço altruísta, estarão aprendendo a tornar-se mais semelhantes a Deus" (*Ensign*, março de 1976, p.5).

• *Como você pode encontrar meios de exercitar os princípios da espiritualidade em sua vida?* □

FOTOGRAFIA DE SERGIO MALDONADO

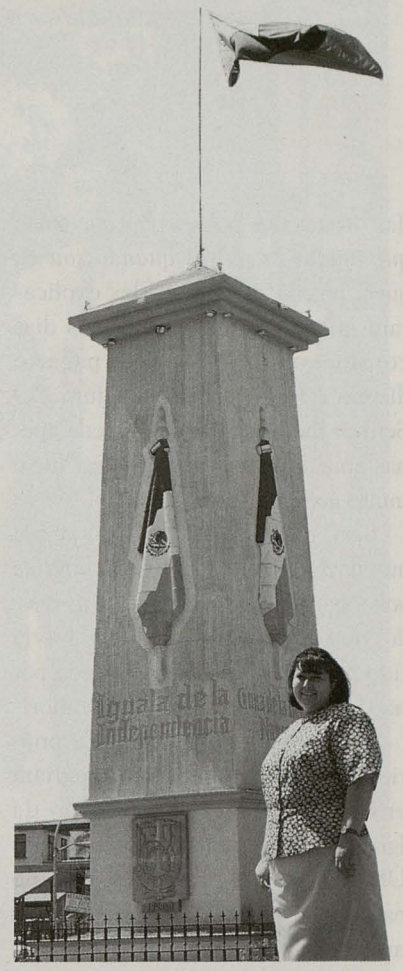
AFINAL DE CONTAS, ERA VERDADE

Mayra Mercedes Pérez Román

"Está bem, ouvirei a mensagem", respondi aos jovens missionários quando perguntaram se poderiam visitar-me em casa, na Cidade do México. "Mas só quero trocar idéias. Tenho minhas próprias crenças e não quero ser membro de sua igreja". Havia sido apresentada a eles quando a família Flores me convidara para uma reunião familiar. Jamais pensei que naquela noite acabaria concordando em recebê-los em casa. *Bem, será apenas por uma hora,* disse a mim mesma. *Depois disso posso esquecer-me deles.*

Na semana seguinte, exatamente no horário marcado, ouvi alguém bater à porta. *Pelo menos são pontuais,* pensei, e abri a porta para ver dois rostos jovens, ansiosos por iniciar a conversa.

A princípio, coloquei-me na defensiva, esperando que atacassem minhas crenças. Mas, em vez disso, falaram sobre o Pai Celestial, que possui um corpo como eu; falaram sobre Seu Filho, que morreu por mim e depois ressuscitou, e sobre o Espírito Santo, que pode comunicar-se comigo. Tudo fazia sentido. Depois continuaram, dizendo que Jesus Cristo visitou o continente americano e que tal visita estava registrada num livro—o Livro de Mórmon.



A Irmã Mayra Pérez, *à esquerda,* serviu na Missão México Leon, de agosto de 1992 a março de 1994. *Acima,* está ao lado de um monumento histórico referente à criação da bandeira do México.

Se acham que vão me vender esse livrinho, pensei, *estão enganados.* Para minha surpresa, disseram que alguém o havia comprado para mim e que tudo o que me pediam era que o lesse. Por essa razão aceitei-o, embora achasse que apenas a Bíblia continha a palavra de Deus.

Quando os élderes me visitaram pela segunda vez, perguntaram-me se desejava ser batizada. "Já fui batizada", respondi. "Fui batizada quando era bebê e valeu para a vida toda." Os missionários explicaram que precisamos ser batizados por imersão para remissão dos pecados, aos oito anos, quando já temos idade suficiente para sermos responsáveis por nossas ações. Bem lá no fundo, eu sabia que, quando fui batizada, não tinha pecado algum. E não havia sido submersa. Decidi aprender um pouco mais a respeito do que ensinavam.

Comecei a assistir às reuniões, mas sempre saía mais cedo para ir a minha igreja. Todos eram sorridentes e cumprimentavam-me como se me conhecessem havia muito tempo. *Só querem converter-me,* eu pensava. *O ambiente é agradável e as aulas interessantes, mas não passa disso.*

Embora não houvesse sequer tocado no Livro de Mórmon, continuei a receber as palestras. Aprendi

FOTOGRAFIA DE SERGIO MALDONADO

sobre um jovem chamado Joseph Smith que, no ano de 1820, viu Deus, o Pai, e seu Filho, Jesus Cristo. Naquele momento, iniciava-se uma nova era—a verdade perdida voltava a iluminar o mundo. Seria isso realmente verdade? Havia apenas uma maneira de descobrir, disseram os missionários: orando. Ensinaram-me a orar de um modo muito simples. Falaram que Deus me responderia; só precisava ter fé. Senti-me enternecida por um instante, mas depois tive medo. E se Ele realmente respondesse? E se fosse verdade?

Na visita seguinte, explicaram-me que antes de nascermos, todos vivemos com o Pai Celestial num mundo espiritual (*será que isso existe?* fiquei pensando) e que viemos à Terra para ganhar um corpo e aprender a escolher entre bem e o mal. Se fizéssemos escolhas certas, poderíamos tornar-nos como Deus. *Isso não é blasfêmia?* pensei. *Como posso tornar-me como Deus, que é perfeito?* Os missionários também explicaram que deveria cuidar de meu corpo. Perguntaram-me se guardaria a Palavra de Sabedoria e a lei da castidade. Fiquei surpresa quando concordei em viver esses princípios, mesmo não acreditando em sua igreja.

Isto é demais, pensei, quando, durante a quinta palestra, me falaram a respeito do dízimo, do jejum e das ofertas aos pobres. *Por que tenho que ajudar os outros quando sou eu quem precisa de ajuda?* Eles explicaram que os santos dos últimos dias consideram um privilégio pagar o dízimo e fazer ofertas de jejum. "O Senhor lhe dá dez maçãs e pede apenas uma de volta", explicaram. "Ele é muito generoso!"

Bem, disse a mim mesma, *já que me dará dez maçãs e pedirá uma de volta, por que é que não me dá as nove de uma vez?* Mas eu sempre havia tido problemas financeiros. Seria por não estar sendo justa com o Senhor?

Na última palestra, os missionários repetiram tudo o que haviam ensinado e falaram da missão da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Voltaram a falar no batismo e eu novamente disse a mim mesma que não conseguiriam batizar-me. Comecei a argumentar energicamente. No final da noite, havia garantido aos dois que estavam completamente errados. Ouviram com tristeza, depois tentaram responder usando as escrituras, mas recusei-me a ouvi-los e pedi que fossem embora.

Finalmente estava livre dos missionários. É claro que eram pessoas muito agradáveis, porém não queria mais nada com eles como representantes daquela Igreja. Então, por que me sentia tão vazia?

Numa tarde de domingo, cerca de seis semanas depois, os missionários voltaram. Desta vez, um deles deu a entender que seria muito difícil para mim ler o Livro de Mórmon em uma semana. Senti que era um desafio. *Será que achava que eu não era capaz de ler aquele livrinho? Vou lê-lo até em menos tempo!* Também concordei em jejuarmos juntos na terça-feira seguinte, enquanto eu procuraria chegar a uma conclusão a respeito do livro.

Quando comecei a ler o Livro de Mórmon naquela noite, percebi que, apesar da relutância que sentira até então, não conseguia deixá-lo de lado. Li sem parar, sem sentir vontade de dormir, até as três horas da manhã. Embora tivesse que trabalhar no dia seguinte, sempre que estava desocupada surpreendia-me lendo o livro .

E assim que cheguei em casa naquela tarde, atirei-me a ele, como o aço que é atraído para o ímã.

Naquela mesma noite, visitei a família Flores, que me apresentara aos missionários. Disse-lhes que estava pensando em me batizar. O Irmão Flores perguntou-me se eu falava sério. Respondi que sim. Então, disseram que queriam jejuar comigo e com os missionários no dia seguinte. Naquela noite, voltei a ler até de madrugada.

Na terça-feira de manhã, todos

Irmã Pérez, *ao centro*, com a família Flores, que a apresentou aos missionários numa noite familiar.

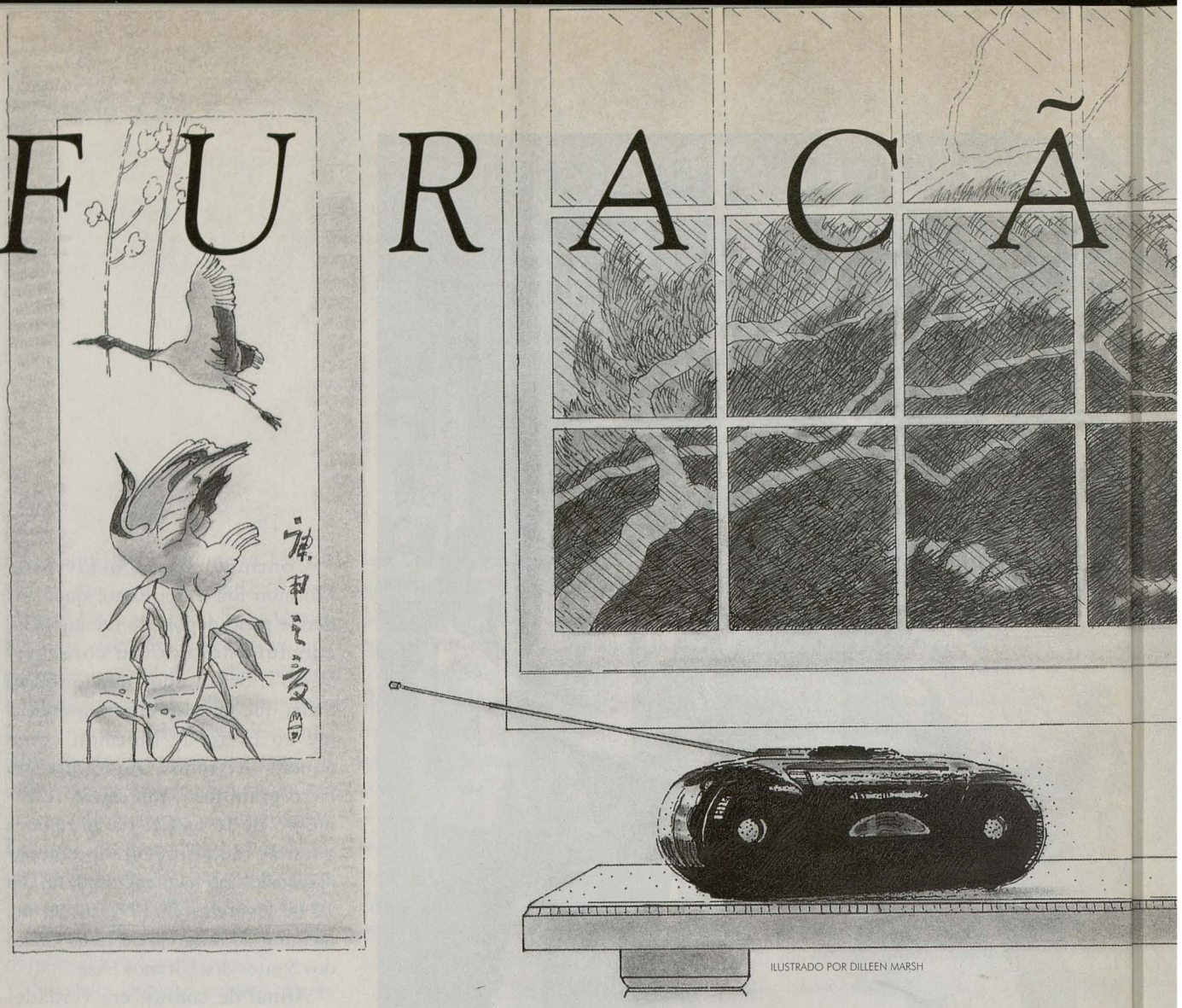
nós, cada um em sua casa, começamos a jejuar. Senti-me bem disposta durante todo o dia, sem fome ou sede. À tarde, li uma escritura que me fez estremecer: "Porque depois deste dia de vida, que nos é dado para nos preparamos para a eternidade, . . . virá a noite tenebrosa, durante a qual nenhum labor poderá ser executado" (Alma 34:33). Ajoelhei-me e perguntei ao Pai Celestial se a Igreja era verdadeira e se devia ser batizada. Tive a certeza de que esta era realmente a Igreja de Jesus Cristo. Não deveria esperar mais. Naquela noite, quando terminei o jejum, disse aos missionários que decidira ser batizada. Os dois ficaram radiantes de felicidade.

Continuei lendo o Livro de Mórmon dia e noite, até que, seis dias e meio depois de ter iniciado, concluí a leitura. Eu consegui! Venci o desafio dos missionários. Sabia que jamais voltaria a referir-me ao Livro de Mórmon como aquele "livrinho". Agora era um livro grandioso, um outro testamento de Jesus Cristo. E embora Satanás tenha procurado colocar obstáculos em meu caminho, no dia 19 de fevereiro de 1990 tornei-me membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Afinal de contas, era verdade! Deus amou-nos de tal maneira que preparou um plano de salvação e enviou Seu Filho Unigênito para sacrificar-se a fim de que pudéssemos voltar a Sua presença. Joseph Smith viu o Pai e o Filho e foi escolhido por Deus para restaurar a verdade. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias possui a autoridade de Deus, para que realizemos as ordenanças e façamos os convênios que nos ajudarão a obter um lar celestial, se formos fiéis e leais a eles.

Todas as noites, agradeço a Deus pela oportunidade de ter conhecido a família Flores e os missionários. Todos foram instrumentos nas mãos de Deus, para que eu pudesse receber e aceitar Seu precioso evangelho. □

FURACÃ



ILUSTRADO POR DILLEEN MARSH

Noriko Ono

Aconteceu em setembro, no final do verão. O furacão número 13 estava chegando às ilhas japonesas e o rádio e a televisão avisavam que possivelmente atingiria as proximidades de nossa casa. Lembrei-me do que acontecera há dois anos, quando outro furacão atingira o Japão. As árvores lá fora foram fortemente sacudidas e o vento fizera as janelas estremecerem. Foi apavorante. E ia acontecer tudo outra vez. O rádio havia informado que este furacão era tão forte quanto o anterior.

Segurei minha filhinha no colo, pus o capacete na cabeça e comecei a procurar nossas maletas de emergência. Elas tinham sido preparadas há muito tempo, mas estavam guardadas em lugares diferentes. Esperando a chegada do furacão para as três horas da madrugada, passei o dia todo juntando as maletas e depois verificando o conteúdo delas.

Fui a uma loja de departamentos para comprar remédios que faltavam; coloquei-os em uma das maletas na qual também guardei nossa história da família e outros registros. Para o caso de faltar água, deixei a banheira cheia. Preparei tudo em que pude pensar e depois, bastante apreensiva, fiquei aguardando a chegada de meu marido.

Percebendo que eu estava com medo, minha filha de três anos disse: "Vou orar ao Pai Celestial por você", e assim fez. Enquanto ouvia sua prece, um sentimento de paz tomou conta de mim e tive certeza de que o Senhor nos protegeria. Quando meu marido chegou, finalmente me sentia física e emocionalmente preparada.

O tempo passou e era perto de meia-noite. Deixei os

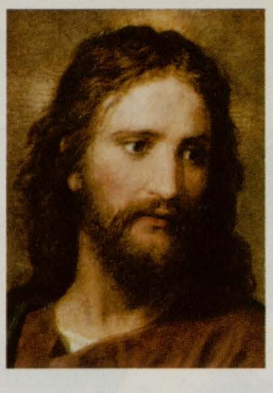
capacetes, sapatos e maletas de emergência bem à mão, e fui para a cama.

Felizmente, o furacão passou sem causar muitos danos. Quando acordei, pela manhã, agradeci a Deus. Estava totalmente preparada porque ouvira a notícia da chegada de um forte furacão e agira de acordo.

A experiência fez com que refletisse a respeito da segunda vinda de Cristo. No último dia, os locutores de rádio não avisarão ninguém, dizendo: "Jesus Cristo volta hoje. Por favor, estejam preparados". O que faríamos se soubéssemos quando o Senhor voltaria? Usaríamos o tempo sabiamente. Trabalharíamos na história da família, falaríamos do evangelho aos amigos não-membros, freqüentaríamos mais o templo e armazenaríamos alimentos. Faríamos tudo o que fosse necessário para estar preparados.

No entanto, ninguém sabe quando o Senhor virá, só o Pai Celestial—e ele não nos disse. O Senhor virá como o ladrão que entra numa casa inesperadamente. Na Bíblia lemos: "Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que vigília da noite havia de vir o ladrão, vigiaria e não deixaria minar a sua casa. Por isso, estai vós apercebidos também; porque o Filho do homem há de vir à hora em que não penseis". (Mateus 24:43–44).

Embora não saibamos quando Cristo voltará, vemos hoje muitos dos sinais que, avisaram os profetas, precederiam Sua vinda. Se estivermos preparados, não temeremos a chegada desse grandioso dia. Desejo usar meu limitado tempo sabiamente e ser como as cinco virgens prudentes que estavam bem preparadas para encontrar o Noivo (ver Mateus 25:1–13). □



DA ESCURIDÃO PARA A LUZ:

O DOM DO ARREPENDIMENTO

Élder Helvécio Martins
Dos Setenta

Um poeta popular brasileiro escreveu certa vez: "O arrependimento quando chega faz chorar, faz chorar. Os olhos ficam logo rasos d'água e o coração parece até que vai parar."

Curiosas considerações escritas por alguém que, talvez, não tivesse nenhum conhecimento do evangelho, mas cujo conteúdo tem profunda concordância com seus princípios.

O arrependimento sincero produz profundo sentimento de tristeza. Esse sentimento é antecedido pelo reconhecimento de um erro praticado, passo inicial e essencial da grande jornada do arrependimento. Não há outro meio de se readquirir a paz consigo mesmo e com o Salvador, sem trilhar-se esta estrada.

Muitos homens e mulheres, no curso de suas vidas, defrontaram-se com o crucial momento de suas existências, ao reconhecerem-se praticantes de conduta contrária aos princípios de vida eterna.

Muitos personagens, cujos nomes reverenciamos com admiração e respeito, passaram por esta dura e indispensável experiência. Não há como deixar de recordar-se de Alma, o pai, sacerdote do Rei Noé, mas também um descendente de Néfi. "Era jovem e acreditou nas palavras que Abinádi havia falado, pois havia-se inteirado das iniqüidades que Abinádi havia testemunhado contra eles; portanto, intercedeu junto ao rei, para que ele não se indignasse contra Abinádi, mas que o deixasse partir em paz.

O rei, porém, irritou-se mais, fez com que Alma fosse afastado dentre eles e enviou seus servos atrás dele para o matar." (Mosiah 17:2–3.)

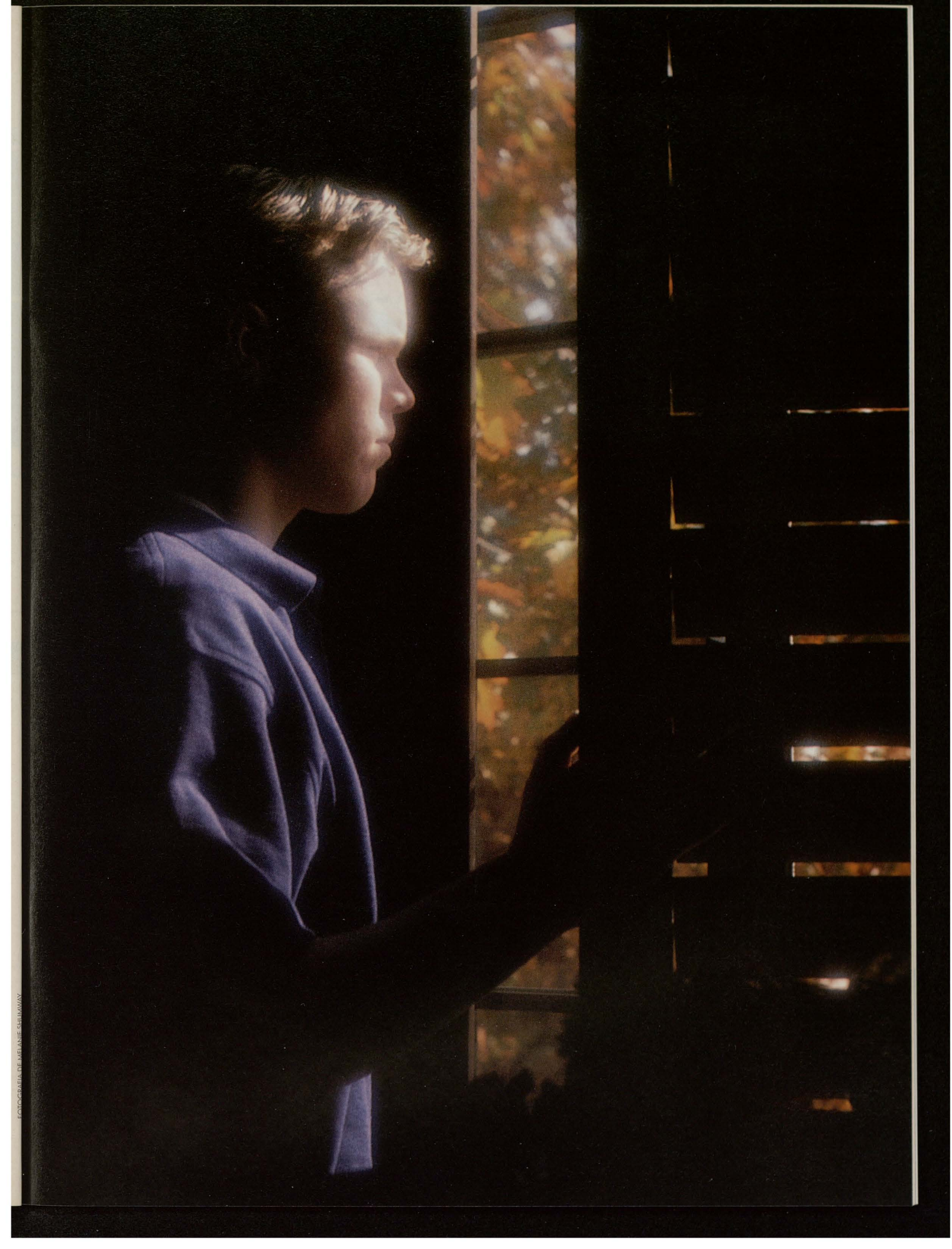
Ao ouvir as palavras do profeta Abinádi, Alma defrontou-se com a realidade de estar vivendo leis e doutrinas que não eram verdadeiras. Certamente sentiu pesar, tristeza, e comprometeu-se com uma nova atitude. Esta decisão trouxe mudança radical em sua vida. Mesmo sabendo que o Rei Noé enviara um exército para destruí-lo e aos seus seguidores, Alma andava secretamente entre o povo ensinando-lhe as palavras de Abinádi. Ensinou sobre a ressurreição dos mortos e a redenção do povo, que se realizaria pelo poder e morte de Cristo, sua ressurreição e ascenção ao Céu. Pregou as doutrinas da fé e do arrependimento e do amor a todos quantos desejassem ouvir as novas verdades, bem como os princípios que deveriam reger a vida dos que aceitassem o novo convênio. (Ver Mosiah 18.)

Outro grande exemplo é o de seu filho Alma e dos filhos de Mosiah, que também se defrontaram com o momento crucial de suas existências, quando um anjo do Senhor, descendo sobre eles como que numa nuvem com uma voz de trovão, fez com que tremesse o solo onde estavam. Aquela experiência produziu grandes transformações na vida daqueles jovens—extraordinárias mudanças. (Ver Mosiah 27:8–37.)

Talvez a evidência mais visível do arrependimento de Alma e de seus amigos, traduziu-se na completa mudança de atitude: "Por este meio podereis saber se um homem se arrepende de seus pecados—eis que ele os confessará e os abandonará." (D&C 58:43.) O abandono da antiga maneira de vida é uma evidência *concreta* e palpável do arrependimento.

Paz para a alma é uma das maiores recompensas

FOTOGRAFIA DE MELANIE SHUMWAY



FOTOGRAFÍA DE MELANIE SHULKAVY

proporcionadas pelo arrependimento. É impossível alcançar-se paz consigo mesmo e com o Senhor, sem um arrependimento completo.

A vida é uma sucessão de trocas: trocamos as trevas pela luz; a tristeza pela alegria; a dor pelo alívio; a aflição pelo bem-estar. A troca do pecado pelo perdão e remissão é feita através desse elemento transformador que é o arrependimento. Ele é um extraordinário dom de Deus.

Ninguém poderá percorrer esta estrada por outrem. Ninguém poderá fazê-lo por nós. Nem mesmo um pai pelo filho, por mais que o ame. Estes passos terão que ser dados individualmente. Podemos orar ao Senhor por ajuda, apoio, auxílio. Podemos sentir a presença do Espírito Santo ao nosso lado. Animando-nos, incentivando-nos, estimulando-nos. Mas, ainda assim, os passos nesta estrada continuarão sendo uma exigência individual.

As graças são individuais. As bênçãos são individuais. A salvação é uma dádiva do Senhor a cada pessoa, individualmente.

A felicidade eterna é um dom de Deus para todos os que a buscarem. Se o indivíduo não a buscar, não revelar-se suficientemente interessado, não a merecerá. E isto parece muito justo. Todas as coisas são dons gratuitos de Deus, mas os benefícios decorrentes requerem um esforço para serem alcançados.

O ar que respiramos, tão necessário à manutenção da vida, encontra-se ao nosso redor, enchendo todos os espaços. Entretanto, para beneficiar-se dele, o indivíduo terá que exercitar os músculos de seu sistema respiratório para absorvê-lo. Se não fizer este esforço em seu próprio benefício, o ar por si mesmo não adentrará suas narinas e boca, para encher os pulmões e renovar o sangue que irrigará as células, revitalizando-as.

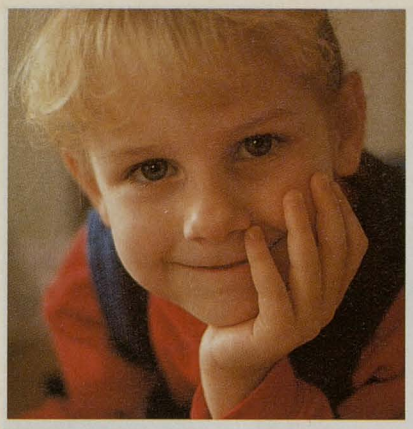
De igual forma, ao arrependimento se aplicam as mesmas exigências. Mesmo sendo um dom, ele deve ser exercitado com fé e sabedoria, pois não se terá por inocente aquele que, após declarar-se arrependido, voltar à prática dos mesmos erros. (D&C 58:43.)

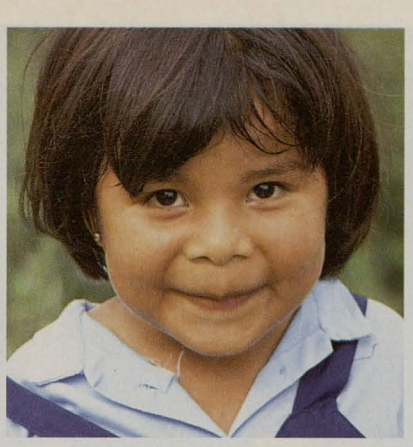
Confissão e abandono caracterizam o verdadeiro arrependimento e capacitam a alma ao gozo das bênçãos. Entendemos a dificuldade de tal decisão. A racionalização, a autojustificação e o orgulho são grandes obstáculos na estrada do arrependimento.

Mas quando revelarmos suficiente humildade, despojando-nos do orgulho, Ele nos socorrerá, dando-nos a força que necessitamos para vencer todos os obstáculos.

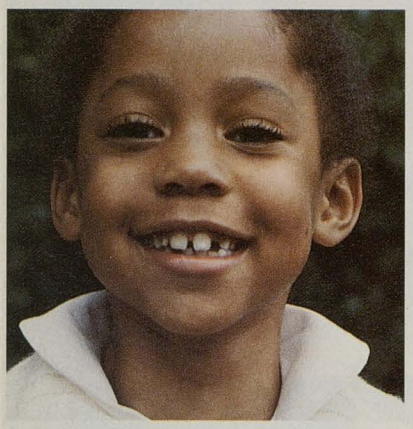
"Eu dou a fraqueza aos homens a fim de que sejam humildes; e minha graça é suficiente para todos os que se humilham perante mim; pois, se se humilharem e tiverem fé em mim, então farei com que as coisas fracas se tornem fortes entre eles." (Éter 12:27.)

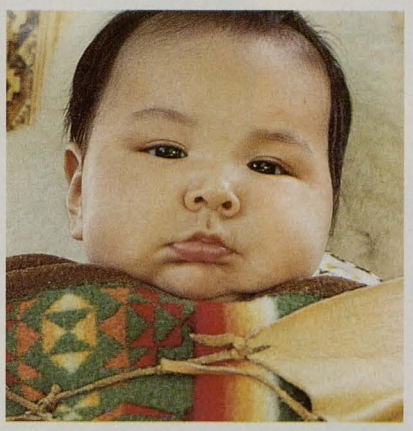
O arrependimento traz o pecador de volta aos caminhos do Senhor. Das trevas, novamente para a luz. Reconcilia-o com os princípios eternos. Devolve-o à Congregação dos Justos e permite-lhe, novamente, gozar de comunhão com o Espírito Santo. Tudo isso abre-lhe as portas para a alegria nos dias desta vida e pleno regozijo na eternidade. □

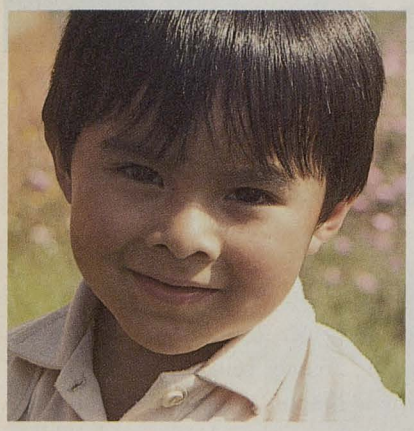


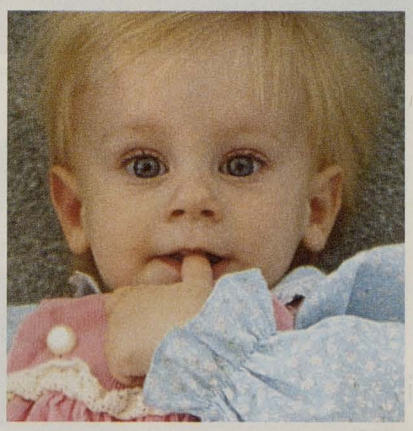


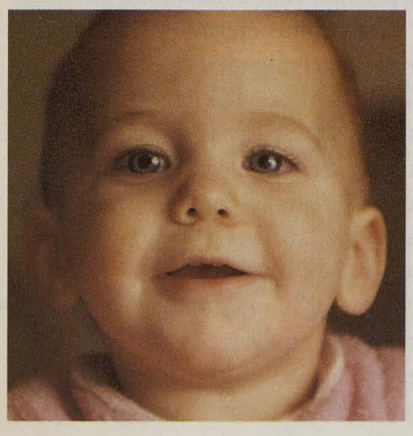
"Olhai Para Vossas Criancinhas"

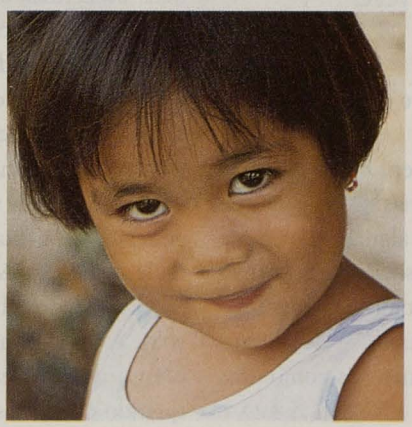












Quando o Salvador ressurreto visitou o povo nefita, "tomou das criancinhas, uma a uma, abençoou-as e rogou por elas ao Pai.

E, depois de ter feito isso, chorou (. . .);

E, dirigindo-se à multidão, disse: Olhai para vossas criancinhas.

E, ao levantar a vista, dirigiram o olhar ao céu; e viram que se abriam os céus e deles desciam anjos que pareciam estar no meio do fogo; e os anjos desceram e circundaram aqueles pequeninos e eles foram rodeados por fogo e anjos lhes ministraram" (3 Néfi 17:21–24).

Seguem-se trechos de um serão da Igreja intitulado "Olhai para Vossas Criancinhas", transmitido do Tabernáculo de Lago Salgado no dia 23 de janeiro de 1994, via satélite.

FOTOGRAFIA DE CRAIG DIMOND, MARVIN K. GARDNER, PEGGY JELLINGHAUSEN, DAVID MITCHELL, RICHARD M. ROMNEY, SCOTT VAN KAMPEN, E ALFRED W. WALKER

Presidente Gordon B. Hinckley, Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Existe na Terra maior milagre do que o nascimento de uma criança?

Há alguém entre nós que jamais tenha sentido profunda emoção ao observar as criancinhas? A despeito da cor da pele ou de onde vivem, temos alguma dúvida de que são uma preciosa dádiva de nosso Pai e que realmente são Seus filhos? Já haveis meditado sobre o significado da declaração do Senhor de que, se desejamos voltar à presença do Pai, devemos tornar-nos como uma criancinha? (Ver Mateus 18:1–4).

Channing Pollock certa vez disse: "Creio que alguns de nós gostaríamos de . . . nascer velhos e ir ficando cada vez mais jovens e mais limpos, sempre mais simples e mais inocentes, até por fim, com a alma pura das crianças, deitarmo-nos para o sono eterno" ("The World's Slow Stain," *Reader's Digest*, junho de 1960, p.77).

As crianças são a personificação da inocência, da candura; são a essência do amor, a essência da esperança e da alegria neste mundo atribulado e cheio de dificuldades.

Apesar disso, milhões delas sofrem abuso, são negligenciadas e tornam-se vítimas de ódio, egoísmo e maldade da pior espécie.

Não há dúvida de que é hora de despertar nas pessoas, em toda parte, uma consciência maior da terrível ofensa que cometemos perante Deus, nosso Pai Eterno, quando causamos o sofrimento de uma criança. E é triste

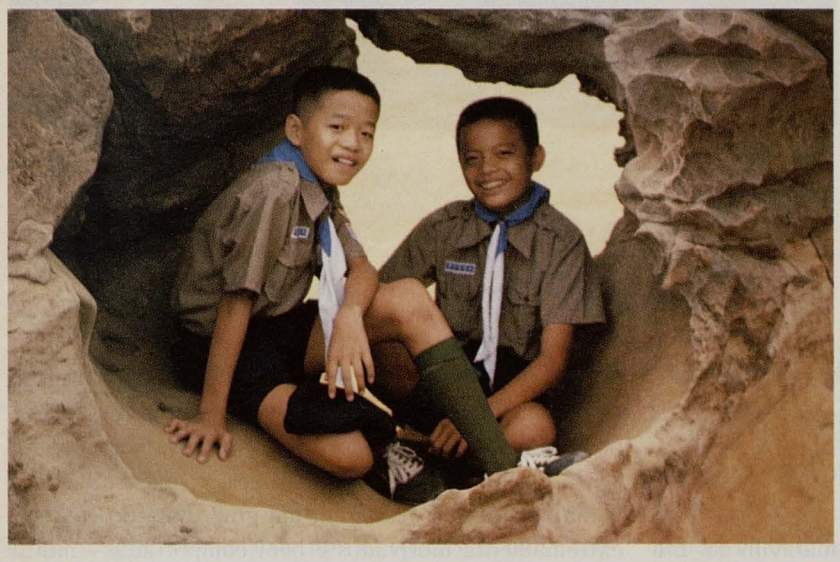
dizer que nos encontramos cercados de evidências de tal sofrimento.

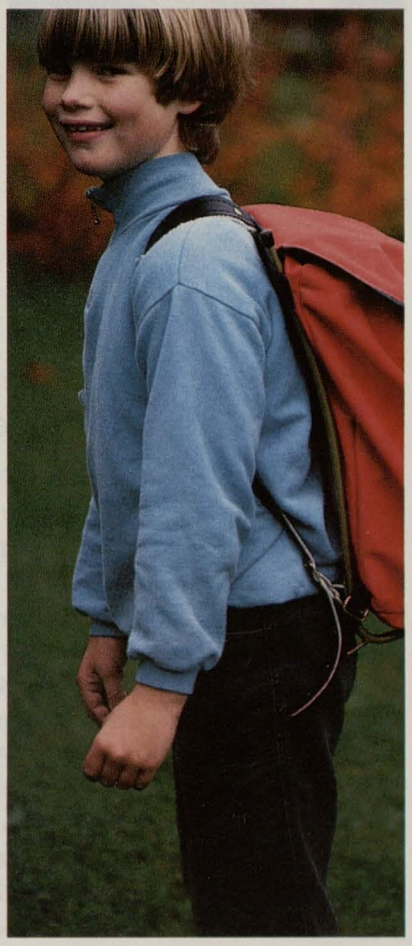
Há muita tragédia nesta Terra. Creio que o abuso de crianças sempre existiu, mas parece ter aumentado em dimensões trágicas. Talvez seja porque nos tornamos mais conscientes disso. Não obstante, é hora de fazermos mais do que estamos fazendo. Olhando ao redor, vemos crianças nascidas de mães viciadas em drogas, crianças que talvez nunca vençam os terríveis obstáculos advindos do próprio nascimento; crianças, e não são poucas, espancadas, negligenciadas, abandonadas, agredidas sexualmente, que jamais conseguirão superar completamente o trauma de uma vida atormentada; crianças vítimas da fome e da guerra (. . .)

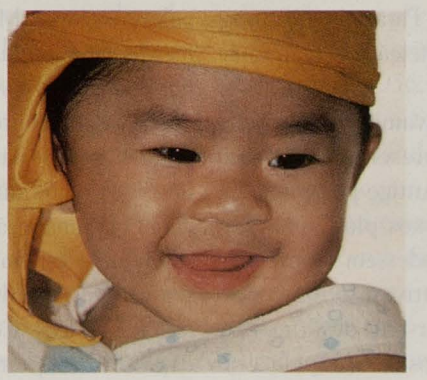
O Salvador bem o disse: "Mas qualquer que escandalizar um destes pequeninos, que crêem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma mó de azenha, e se submergisse na profundeza do mar" (Mateus 18:6).

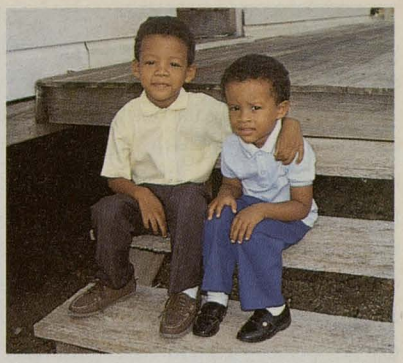
Rogamos as bênçãos do Senhor para as crianças da Igreja em toda parte, para as crianças de todo o mundo, a fim de que sejam mais protegidas da maldade, para que cresçam em retidão, amem a Deus, que é o Pai de todos nós. Invocamos bênçãos sobre os pais a fim de que protejam seus pequeninos, cuidem deles e ensinem-lhes as verdades que lhes trarão paz todos os dias da vida. Como disse o autor de Provérbios: "Instrui ao menino no caminho em que deve andar, e até quando envelhecer não se desviará dele" (Provérbios 22:6).

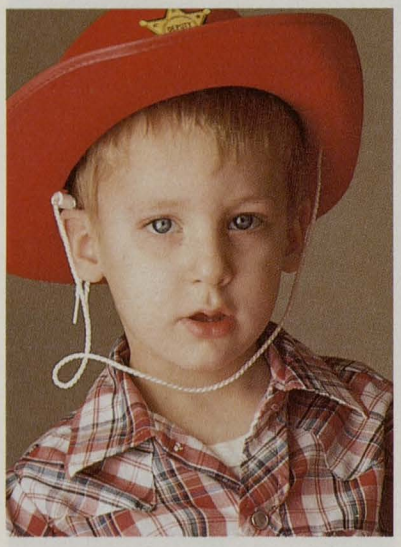
"Olhai para vossas criancinhas." Que Deus abençoe vossos pequeninos onde quer que estejam.











Presidente Thomas S. Monson, Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Tive uma professora (da Primária) maravilhosa. Era recém-casada, jovem e cheia de vida. Para nós, meninos de dez anos, ela era o símbolo da perfeição. Sabia motivar-nos.

Falava-nos sobre os lenços que usávamos no pescoço, onde prendíamos os emblemas, representando nossa classificação no *Trail Builder* (N.T.—Antigo programa da Primária, cujo nome faz referência aos pioneiros que faziam trilhas para que os demais pudessem segui-los), falava sobre nossas realizações e objetivos. Gostávamos muito dela. Aquele foi o meu melhor ano de Primária, graças a uma professora maravilhosa. A capela era antiga; não havia salas de aula adequadas. Acho que ocupávamos a cozinha e usávamos um quadro negro despedaçado. Nossa professora não era culta demais nem havia obtido títulos de nível superior; nada disso. Os meninos da classe não eram um grupo fora do comum, extremamente motivados e bem comportados—muito pelo contrário. Mas, o que fundamentava o relacionamento entre professora e alunos era que ela nos amava e nos ensinava o evangelho (. . .)

Em algum canto da casa, tenho uma pequena bengala preta cujo cabo imita prata. Pertenceu a um parente distante. Por que ainda a guardo após cerca de sessenta anos? Há uma razão especial.

Quando estava na Primária, participei de uma representação de Natal da ala. Tive o privilégio de ser um dos três reis magos. Com um turbante na cabeça, a preciosa capa da banqueta do piano de minha mãe sobre os

ombros e segurando a bengala preta, declamei minha parte do texto: "Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? porque vimos a sua estrela no oriente, e viemos a adorá-lo" (Mateus 2:2). Não me recordo de todas as palavras daquela representação, mas lembro-me claramente do que senti quando nós, os três reis magos, olhamos para cima, vimos a estrela, iniciamos a jornada pelo palco, encontramos Maria com o bebê Jesus, ajoelhamo-nos e o adoramos; abrimos os tesouros, presenteando-o com ouro, incenso e mirra. Gostei particularmente de não termos voltado até o malvado Herodes para trair Jesus, mas de termos obedecido a Deus e partido em outra direção.

Os anos voaram. Os acontecimentos de uma vida atarefada ocupam seus devidos lugares nos sagrados compartimentos da memória, mas a bengala de Natal continua a ter um lugar especial em meu lar—e em meu coração significa um compromisso para com Cristo.

O Presidente David O. McKay deu o seguinte conselho: "Três coisas na vida doméstica influenciam as crianças, despertando-lhes reverência e contribuindo para o seu desenvolvimento. São elas: primeiro, a orientação branda, embora firme; segundo: a cortesia demonstrada pelos pais entre si e para com os filhos; e terceiro, a oração em que as crianças participem" (*Improvement Era*, Dezembro de 1956, p. 915) (. . .)

O amor que o Salvador sente pelas crianças não tem fronteiras. Quando nós, como pais, como líderes do sacerdócio, como oficiais e professores da Primária seguirmos seu exemplo e dermos ouvidos às suas palavras, "Apascenta os meus cordeiros" (João 21:15), veremos meninos e meninas desabrochando diante de nossos olhos e crescendo "em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens" (Lucas 2:52).

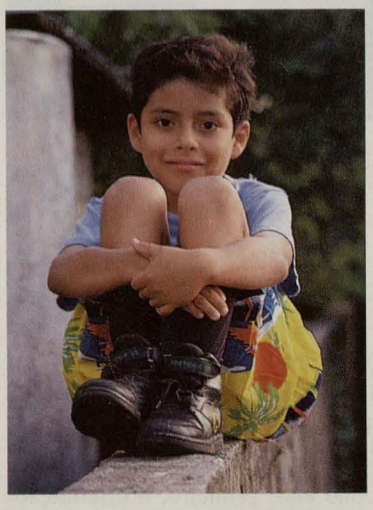
Élder M. Russell Ballard, do Quórum dos Doze Apóstolos

O Salvador, com lágrimas nos olhos, pediu aos nefitas que "(olhassem) para (as) criancinhas" (3 Néfi 17:23). É interessante notar que ele não disse "dêem uma espiada nelas", "observem-nas de vez em quando" ou " olhem apenas de relance". Ele pediu que as contemplassem. No meu entender, isso significa que devemos abraçá-las com os olhos e com o coração; devemos ver e compreender quem realmente são: filhos espirituais do Pai Celestial, com características divinas.

Quando realmente olhamos para as criancinhas, contemplamos a glória, o esplendor e a majestade de Deus, o Pai Eterno. Elas são Sua progênie. Não há testemunho mais eloqüente de que o Pai Celestial vive e nos ama do que o primeiro choro de um recém-nascido (. . .)

É evidente que aqueles de nós a quem foram confiados esses seres preciosos têm uma mordomia sagrada e nobre, pois foi a nós que o Senhor deu a incumbência de envolvê-los com amor, com o fogo da fé e com o entendimento de quem são.

Como podem saber as coisas que realmente têm valor a não ser que lhas ensinemos? De acordo com as escrituras, os pais precisam ensinar aos filhos "que todos os homens, em todas as partes, devem arrepender-se, ou de nenhuma maneira herdarão o reino de Deus" (Moisés 6:57). As crianças devem aprender "a orar e a andar em retidão perante o Senhor" (D&C 68:28), e "a andar



pelos caminhos da verdade e da moderação; (. . .) a se amarem mutuamente e a servirem uns aos outros" (Mosiah 4:15). Elas precisam saber "em que fonte devem procurar o perdão de seus pecados" (2 Néfi 25:26), e devem aprender que é preciso "(amar) o Senhor (. . .) Deus de todo o (. . .) coração, e de toda a (. . .) alma, e de todo o (. . .) poder" (Deuteronômio 6:5).

Citando Isaías, o Salvador disse aos nefitas: "E todos os teus filhos serão instruídos pelo Senhor; e abundante será a paz de teus filhos" (3 Néfi 22:13).

Paz. Que bênção maravilhosa e desejável para as nossas crianças. Se sentirem paz no coração e a certeza da existência do Pai Celestial e de Seu plano eterno, estarão mais preparadas para enfrentar a inquietação do mundo que as cerca e alcançar seu potencial divino. (. . .)

Líderes e professores (. . .) precisam ter consciência de que não estão simplesmente preparando-se para dar uma aula, mas que se estão preparando para ensinar um filho de Deus. Cada lição, cada reunião, cada atividade deve ter como foco principal encaminhar esses pequeninos a Cristo. (. . .)

Lembrem-se de que, para Deus, todos os filhos são igualmente importantes.

Seu amor não depende de sermos membros da Igreja ou não. O amor que sente por seus filhos não tem fronteiras e é absolutamente incondicional. Do mesmo modo, o serviço dedicado que prestamos deve estender-se plenamente a todas as crianças.

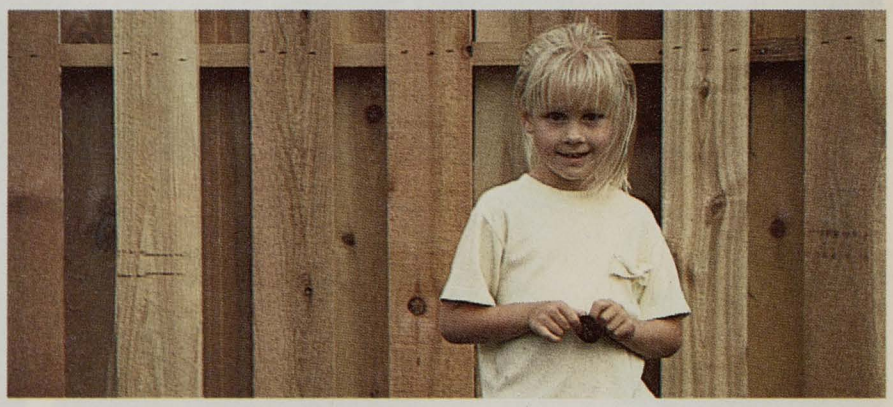
Irmã Michaelene P. Grassli, Presidente Geral da Primária

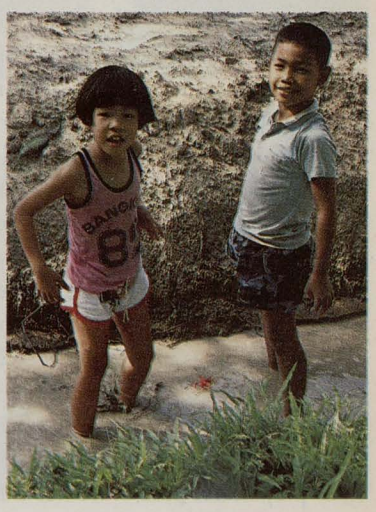
Compreendei as crianças. Embora seja um desafio ensiná-las e criá-las, elas trazem dentro de si muita alegria, energia inesgotável, curiosidade sem limites e fé irrestrita. Freqüentemente digo a alguém que está desanimado: "Procure uma criança e brinque um pouco. Irá sentir-se melhor". Isso realmente funciona!

A meu ver, as pessoas que conseguem relacionar-se bem com as crianças são as que compreendem que elas crescem e se desenvolvem. Tratam os pequenos de acordo com a idade que têm. (. . .)

Precisamos descobrir quem nossos filhos realmente são. Precisamos conhecer seus interesses, saber o que os aborrece e o que fariam se pudessem realizar seu maior sonho (. . .) Podemos deixá-los ser eles mesmos e não esperar que sejam cópias dos pais. Proporcionai-lhes experiências variadas, a fim de que descubram o que gostam de fazer, e depois incentivai seus interesses e talentos—mesmo que não sejam iguais aos vossos. Aceitai cada criança como realmente é.

Escutai as crianças. Às vezes, estamos tão ocupados impondo regras aos nossos filhos que não temos tempo de ouvi-los. Se procurássemos ouvi-los mais, descobriríamos como ser bem sucedidos em relação a eles. É mais provável que nos ouçam se souberem que são ouvidos e compreendidos. Escutai com o coração, a fim de compreender a mensagem não proferida. (. . .) Pedi a opinião deles e ouvi (. . .) Depois disso, podereis saber como ajudá-los. Muitas vezes a única razão de os filhos cometerem erros é





sua falta de experiência.

Sede bondosos com as crianças. Sempre que pergunto o que mais apreciam no seu melhor amigo, na professora preferida, num vizinho ou parente, dizem: "Ela é tão boazinha", ou "Ele é bonzinho comigo" (. . .)

Há várias maneiras de sermos bondosos com as crianças. Não precisamos ser pais ou professores. Não precisamos colocar a bondade na lista das coisas a serem feitas mais tarde. Podemos ser amáveis com uma criança hoje mesmo, por meio de coisas tão simples como um olhar gentil ou um carinho. Nosso tom de voz pode expressar bondade, mesmo quando estivermos repreendendo uma criança. E há momentos em que realmente precisam ser repreendidas. (. . .)

Falai sobre o evangelho e prestai testemunho às crianças. (. . .) Quando lhe prestamos nosso testemunho, a criança se sente importante, pois sabe que estamos falando de algo muito precioso para nós. Ao ensinarmos os princípios do evangelho, oferecemos a elas uma enorme dádiva—padrões para guiar sua vida, ou, nas palavras de Helamã: "Uma fundação segura, da qual não caem os homens que nela constroem" (Helamã 5:12). (. . .)

Espero que compreendamos que, na verdade, não é tão difícil ter um bom relacionamento com as crianças. Todos podemos fazer isso! (. . .) Não precisamos agir com perfeição todos os dias. Leva algum tempo e é necessário um pouco de paciência e muitas orações. Há dias em que realmente não é fácil. Mas vale a pena. Tende fé em Deus e Ele vos ajudará. Tende confiança em vossos sentimentos e pensamentos, agi de acordo com eles e abençoareis a vida de uma criança e ela abençoará a vossa. □

ILUSTRADO POR KEITH LARSON

OBRIGADO, PAPAI

Julian Dyke

Quando eu era criança, nossa pequena família morava em um apartamento que só tinha um quarto. Eu dormia no sofá da sala. Mais que qualquer coisa no mundo, eu queria ser um atleta e fiz tudo o que me disseram que ajudaria. Embora alguns dos conselhos que eu recebi fossem duvidosos, eu experimentei todos, pois talvez ajudassem em alguma coisa. Fui aconselhado a não comer chocolate e eu não comi. Lembro que me disseram para não tomar refrigerante porque diminuiria a minha resistência física. Eu nunca tomei. Também me disseram que eu deveria dormir com a janela totalmente aberta para entrar ar fresco e eu dormi com a janela aberta o ano inteiro.

Meu pai trabalhava como metalúrgico e todos os dias saía muito cedo. Todas as manhãs, sem fazer barulho, ele fechava a janela da sala, que eu tinha aberto na noite anterior; então me cobria e ficava parado um instante. Freqüentemente, meio dormindo, eu sentia meu pai em pé ao lado do sofá, olhando para mim. Como eu fingia dormir, ele inclinava a cabeça e orava com toda atenção, energia e concentração—por mim.

Todas as manhãs ele orava para que eu tivesse um bom dia, ficasse em segurança, e para que aprendesse e me preparasse para o futuro. E como ele só estaria comigo à noite, também orava por meus professores e amigos, que eu encontraria durante o dia.

Ainda no primeiro grau e na escola secundária eu realizei meu sonho de ser atleta. Eu jogava futebol americano e beisebol. Nós geralmente jogávamos futebol nas noites de sexta-feira. Nessa época, meu pai trabalhava fora da cidade a semana inteira, mas toda sexta-feira à tarde saía do trabalho e viajava seis ou sete horas a fim de assistir a todos os meus jogos. Ele nunca chegou antes do começo do jogo, mas os treinadores sempre lhe deixavam um bilhete de cortesia, para ficar na lateral do campo, perto da equipe. Eu sabia que, em algum momento da primeira metade do jogo, eu poderia olhar para a lateral do campo e ele estaria lá. Nas tardes de domingo, depois das reuniões da Igreja, ele voltava para o trabalho.

A princípio, eu não entendi completamente o que o meu pai estava fazendo naquelas manhãs ao orar por mim. Mas, com o passar dos anos, vim a perceber seu amor e interesse por mim e por tudo o que eu fazia. Esta é uma das minhas lembranças prediletas. Só muitos anos depois, quando já estava casado, tinha meus próprios filhos e ia ao quarto deles, enquanto eles dormiam, e orava por eles, é que cheguei a entender realmente o que meu pai sentia por mim. □

ILUSTRADO POR KEITH LARSON

E N T R E L

Annelies Prent-Pellis

Como Irmã Chieko N. Okazaki, descobri que algumas vidas são entrelaçadas num padrão divino de amizade e bondade (ver *Ensign*, maio de 1993, p. 84).

Eu tinha 15 anos quando conheci uma dupla de missionários da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em minha cidade natal, Tilburg, na Holanda. Meus pais ficaram encantados com esses dois jovens e quando os missionários perguntaram se podiam levar-me à Igreja, meus pais concordaram. Fui criada em um lar cristão, portanto sabia a respeito de um Pai Celestial. Nunca pensara, porém, sobre a vida ou sobre Seu plano para nós. Na Igreja e pelas palestras missionárias, logo descobri o verdadeiro evangelho. Minha vida mudou e eu pedi a meus pais permissão para ser batizada. Eles recusaram, mas isso não me impediu de viver segundo as leis do Pai Celestial.

Nessa época conheci Ans, uma jovem pouco mais velha que eu. Mais tarde ela me disse que estivera buscando a verdade e que ficara tão impressionada com meu entusiasmo que decidira pesquisar a Igreja. Ela morava em outra cidade e, assim, nossos contatos foram superficiais. Contudo, depois fiquei sabendo que ela fora batizada.

Durante o mesmo período levei minha amiga Ângela a um acampamento dos Jovens Adultos. A experiência convenceu-a a pesquisar a Igreja e ela foi batizada meses mais tarde. Ela mudou-se para os Estados Unidos, mas continuamos a manter contato, não deixando que nossa amizade esfriasse.

Infelizmente, minha vida tomou outra direção depois que apresentei o evangelho a Ans e Ângela. Mudei-me para Dordrecht e distanciei-me da Igreja, não chegando a ser batizada, mas independentemente do que eu pensava da Igreja ou do que estava fazendo na vida, tanto Ans quanto Ângela mantiveram contato comigo. Elas evitavam falar sobre o evangelho, mas estavam sempre prontas a responder a minhas perguntas. Eu não perdera de todo a fé e essa fé continuava a trabalhar em minha consciência. Então Ans mudou-se para mais perto de onde eu morava e nossa amizade floresceu. Ela visitava-me sempre e demonstrava-me seu amor de maneira sutil.

Agora estou casada. Tenho um marido maravilhoso e dois lindos filhos. Cerca de um ano atrás vi na biblioteca pública um livro sobre a história da Igreja e decidi lê-lo. Fiquei muito comovida com a descrição que o livro fazia dos sofrimentos suportados pelos pioneiros; eles haviam enfrentado muita coisa por causa do evangelho. A leitura do livro reacendeu meu testemunho. Sabia que a Igreja tinha de ser verdadeira!

Foi grande a surpresa de minhas amigas quando lhes disse que desejava ser batizada. Ans e eu derramamos muitas lágrimas de felicidade após meu batismo. Ângela não pôde comparecer, mas senti seu apoio e seu incentivo.

Sou muito grata ao Pai Celestial por essas amigas. Nossas vidas foram entrelaçando-se através dos anos e o desenho está ficando cada vez mais claro. Acredito realmente no que disse a Irmã Okazaki: "Nunca devemos ser impiedosos, indiferentes ou egoístas, pois existe um vínculo que liga todos nós, ainda que isso seja algo que só Deus consiga ver." (*A Liahona*, julho de 1993, p. 87.)

Minha pesquisa sobre a Igreja durou quinze anos. E embora os primeiros missionários que me ensinaram o evangelho tenham ficado desapontados ao ver meu testemunho murchar, seu trabalho não foi inútil. Se eles não tivessem plantado a semente, hoje eu não seria quem sou. Jamais poderei agradecer-lhes suficientemente pelo que fizeram. As sementes que eles semearam eu reparti com minhas amigas—e elas, por sua vez, continuaram a nutrir a semente que existia em meu coração, até que floresceu e nossos corações foram entrelaçados em fé e amor. □

Irmã Annelies Prent-Pellis com sua amiga, Ans, *acima;* dos dias que antecederam seu batismo, uma fotografia com o marido, Rene, e com os filhos, Thommy e Karola, *no centro;* e uma fotografia mais recente com os filhos, *abaixo*.

A Ç A D O S

FOTOGRAFIAS DE GEORGE KRAANEN, EXCETO A DA FAMÍLIA

ENTRE NA LINHA

Carl Peterson

Meu avô estava muito doente, com problemas cardíacos. Para ajudar vovó a cuidar dele, nossa família decidiu que nos revezaríamos para passar a noite com eles. Quem mais fazia isso eram minha mãe e minhas tias, mas, num final de semana, ofereci-me para cuidar dele.

Estava recostado numa poltrona ao lado da cama de vovô. Ele dormia bem naquela noite, o que não era normal. Eu estava quase pegando no sono quando se virou de lado e disse:"Carl, entre na linha". Então voltou à posição inicial e tornou a dormir.

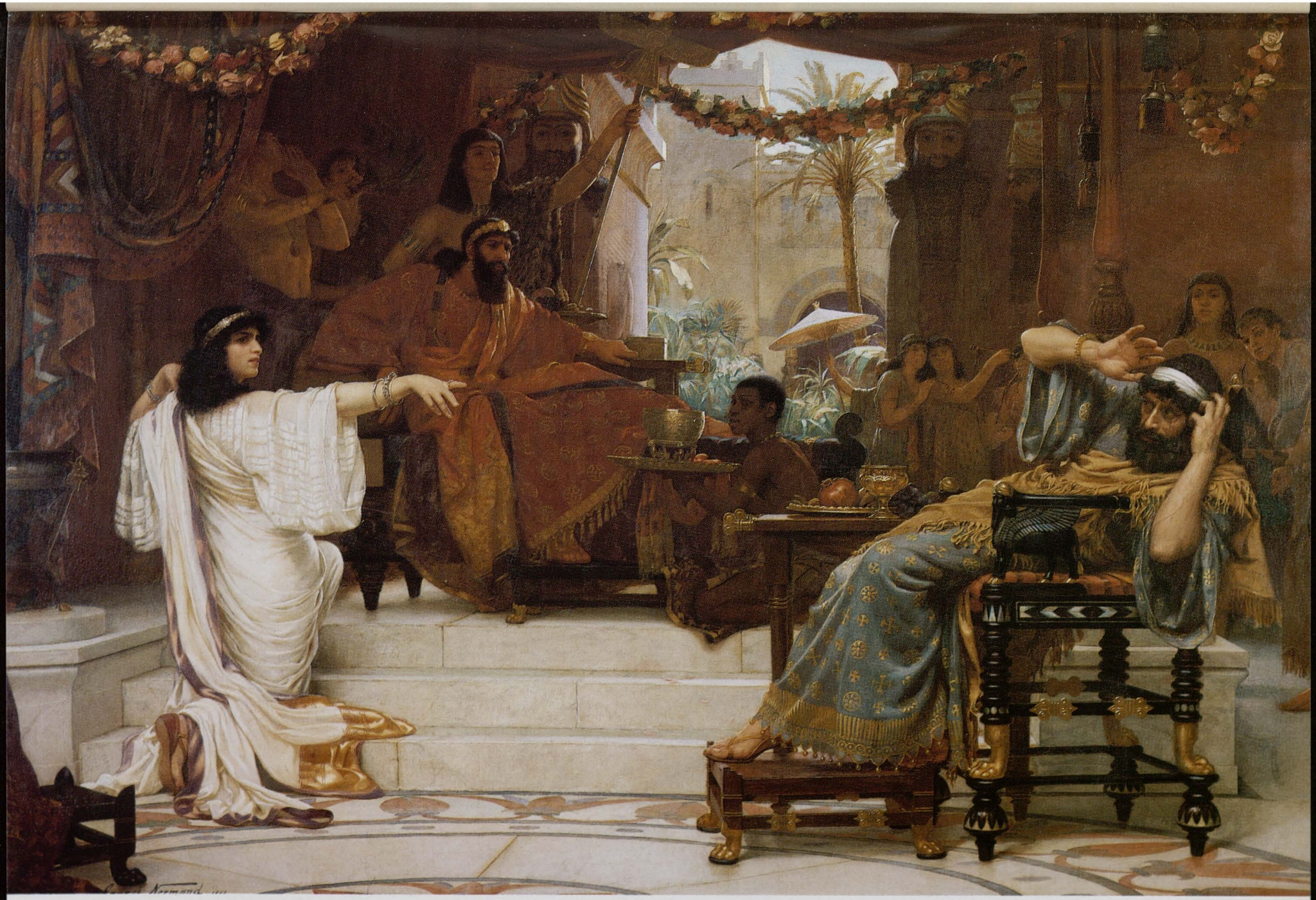
Não entendi o que quis dizer. Eu não era um mau rapaz. Porém, depois daquilo, não consegui mais dormir. Fiquei acordado pensando no que vovô quis dizer com: "entre na linha".

Pensei naquelas palavras nos dias seguintes, tentando imaginar o que é que havia de errado em minha vida. Alguns dias depois, voltei à casa de meu avô para lhe fazer massagem nas costas. Ao terminar, sentei-me para conversar com vovó. Ela disse: "Carl, seu avô tem orado para que você sinta o desejo de servir ao Senhor numa missão".

Mais tarde, durante a aula de ginástica, ouvi o treinador gritar comigo, pedindo que me concentrasse. Estava tão absorto pensando na conversa que tivera com minha avó e na decisão que tinha que tomar, que não conseguia fazer os exercícios direito. Sentia-me dividido entre a bolsa de estudos para a faculdade de Educação Física e a missão.

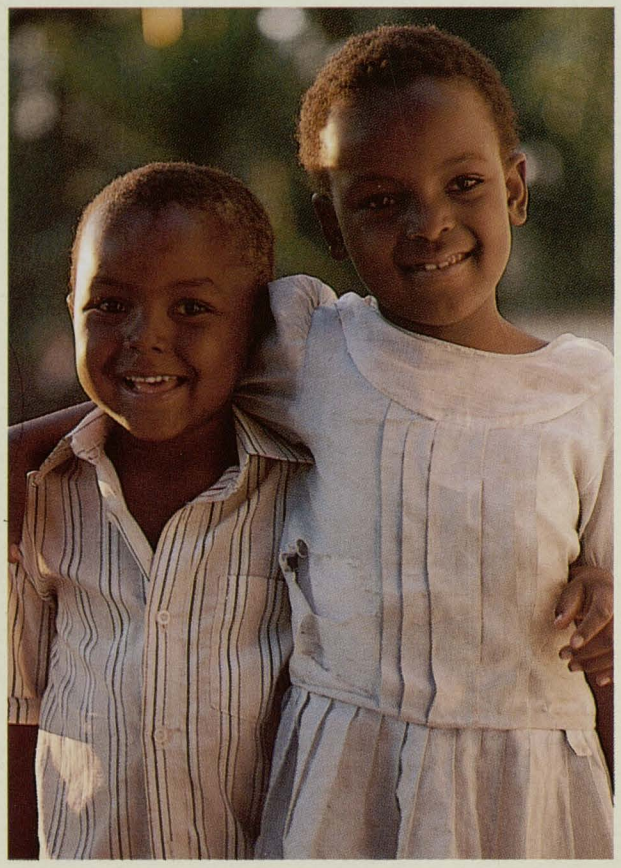
Naquela noite, deitado na cama, pensei novamente nas palavras de meu avô: "Carl, entre na linha". Questionei-me se minhas prioridades estavam na ordem certa. Não estavam. Dei-me conta de que minha prioridade número um era a ginástica, não o Senhor e sua obra. Finalmente compreendi o que meu avô queria dizer. Eu precisava cuidar da alma e da mente. A única maneira de fazê-lo era freqüentar o Seminário e a Igreja.

Pouco depois de ter começado a "entrar na linha", li o Livro de Mórmon pela primeira vez na vida. Segui o conselho do profeta Morôni e orei a respeito do Livro de Mórmon e de Joseph Smith. Por meio desses exercícios, não senti apenas o desejo de cumprir missão, mas também descobri a luz e a vida do mundo, Jesus Cristo. □



Ester Denunciando Hamã, de Ernest Normand

Por causa de seu ódio pessoal, Hamã, principal ajudante do rei persa Assuero, fraudulentamente conseguiu um decreto real determinando a morte de todos os judeus. O rei não sabia que sua rainha, Ester, era judia. Para salvar seu povo, Ester arriscou a vida revelando ao rei sua nacionalidade e denunciando a conspiração de Hamã (ver Ester 7).



"As crianças são (. . .) a essência do amor, a essência da esperança e da alegria neste mundo atribulado e cheio de dificuldades", disse o Presidente Gordon B. Hinckley, por ocasião de uma transmissão via satélite a toda a Igreja, em janeiro de 1994. Ver "Olhai para Vossas Criancinhas", página 35. (Fotografia de Russell D. Holt.)

94990059